

V O C E S

E S T Ã O

C O M OS

D I A S

C O N T A D O S

Histórias e reflexões sobre a gestão do
Espaço Autônomo Casa Mafalda
de agosto/2011 a agosto/2016

- > **Contando...** (p. 5)
- > **Quem vai colocar o guizo no gato?** (p.7)
(coletiva gestora da Casa Mafalda - agosto/2016)
- > **Texto publicado na página da Fanfarra do M.A.L.** (p.9)
- > **De espaço agressor a casinha feminista**
(ou sobre como valorizar os processos políticos) (p. 11)
(Luara Carvalho)
- > **Pequena Mafalda**
sobre espaços autônomos, crianças e seus adultos (p. 13)
(Marília Carvalho e Fernando Konesuk)
- > **Entre: a porta está aberta**
breve reflexão sobre os quase 5 anos da Casa Mafalda (p.19)
(Danilo Mandioca)
- > **Autonomia da autodestruição** (p.27)
(Luara Carvalho)
- > **Quando o seu coletivo é o agressor:**
reflexões do lado de cá (p. 29)
(Luara Carvalho, Eloisa Torrão, Nina Calejan, Mayra Oi, Thais Barbosa e Alynne Tustra)
- > **Responsabilização e reflexões sobre uma questão de gênero** (p.32)
(Coletivo gestor da Casa Mafalda em junho/2014)
- > **O grupo de estudos de organizações populares autônomas**
e algumas possíveis contribuições para a gestão de um espaço autônomo (p. 36)
(Zé Almeida)
- > **A questão de gênero e a esquerda:**
a experiência da Casa Mafalda (p. 39)
(Mulheres do coletivo gestor da Casa Mafalda em abril/2014)
- > **Breve história da gestão da Casa Mafalda:**
desdobramentos da divisão de trabalho em uma organização sem estrutura (p. 42)
(Coletivo gestor da Casa Mafalda em janeiro/2014)
- > **Cursos livres** (p.47)
- > **Casa Mafalda, o livro** (p. 49)
(Leandro lamin)
- > **Contribua para a criação do mais novo espaço autônomo em São Paulo!** (p. 56)
- > **Memorial...** (p. 60)

Contando...

A Casa Mafalda, fundada em agosto de 2011 e localizada na Lapa, São Paulo, não é o primeiro e nem será o último espaço autônomo da cidade de São Paulo. CCS, ICAL, Ay Carmela e Impróprio são inspirações dessa experiência que irrompe no horizonte opressor de nossa cidade-cinza. Na violência da urbe em que, entre os prédios que estupram o céu, nossas vidas queimam como cigarros abandonados, insiste em existir esse espaço autônomo e libertário que é dos mais teimosos, empolgantes, rechaçados, renegados e visitados por quem se diz libertária. Independente do ângulo pelo qual é vista, a Casa Mafalda é um choque nos sentidos que tendem a se submeter à ordem das coisas - e desordena-as.

Quem por ela passou, pôde sentir ao menos um pequeno alívio em meio ao eutenho-prensa paulistano. Nela ainda se respira um ar de esperança na existência de relações baseadas no apoio mútuo e na solidariedade e livres de opressões. Em cada atividade, visita, grupo de estudos, festa, reunião, consulta na biblioteca, almoço, aula no cursinho, café ou conversa jogada, compartilhou-se, além de muitas fotos e hashtags, experiências que dificilmente existiriam em outros espaços imersos na lógica do capital. Mesmo a conta-gotas, esse espaço autônomo, assim como todos os outros, nos ajudam a resistir. Apesar de não ter concretizado a tão esperada revolução social (há!), a Casa Mafalda ao menos nos faz lembrar de que utopias ainda existem. Sem nossas memórias de luta e resistência, como poderíamos desejar um mundo em que desigualdades não sejam mais aceitas em nenhuma instância de nossas vidas?

Subestimamos com frequência o desafio de contar nossa própria história. Essa sina faz com que espaços libertários e autônomos sejam muitas vezes reinventores de suas próprias rodas. Nesse sentido, vem a calhar registro de fatos e reflexões. Histórias não contadas correm o risco de serem esquecidas e, inevitavelmente, deixam de existir em um curto prazo. Assim, não há outra maneira de fazer nossa história ser conhecida senão criando registros sobre ela.

Não há dúvidas de que a controversa questão de gênero em que a Casa se envolveu em 2012 desestabilizou os grupos responsáveis pelo espaço. Muitas pessoas ainda se negam a entrar na Casa e a participar de qualquer articulação em que se envolvam pessoas que são ou já foram da gestão da Casa. Em contrapartida, ao se fortalecer para poder se colocar em um pé de construção política com outros coletivos, a gestão se organizou para rever suas práticas, o que levou à incorporação do debate sobre gênero ao seu cotidiano. O resultado: um espaço hoje encarado por muitas pessoas como acolhedor e, para alguns coletivos, referência na superação de questões de agressões de homens contra mulheres, que fecha suas portas com uma gestão

composta apenas por mulheres. Não é à toa que esta publicação está recheada de escritos sobre esse tema – desde a agressão protagonizada pela gestão, passando pela retratação até chegar ao fortalecimento das mulheres do coletivo para lidar com a rejeição por outras mulheres em diferentes espaços.

Talvez a dificuldade da gestão coletiva de um espaço autônomo seja essencialmente lidar com seres humanos, inclusive os mais próximos de nosso espectro político-ideológico. A história desse espaço é recheada de conflitos internos ao movimento libertário e, como se não bastasse, com ameaças nazifascistas. Não bastasse o espaço ser mal falado e acusado de machista, racista, ter sido boicotado, escrachado e renegado entre pessoas libertárias e anarquistas, não foram poucos os ataques fascistas ao seu espaço físico – por sorte nunca uma pessoa foi ferida na Casa por essa escória que perpetua a pior das idiotices. Em uma das risíveis intervenções protagonizadas por esses fantoches da irracionalidade, foi deixada na Casa, quando não havia qualquer pessoa presente para atender a porta, a colagem com os dizeres “você estão com os dias contados” que ilustra a capa desta publicação. Não se sabe quem deixou o bilhete. O que se sabe é que, ironia do destino, as ameaças vindas tanto do capital, de nazifascistas e de quem nunca teve simpatia com a Casa são usadas aqui para manter viva a memória de espaços autônomos que insistem em resistir a todo tipo de intempéries.

É na esperança de levar para frente as memórias da Casa Mafalda, no formato de reflexões e histórias que só existem quando contadas, que documentos antigos e inéditos estão aqui reunidos. Cuidem para que o anacronismo de ideias que já foram revistas em seu devido tempo não tome a indevida atenção durante a leitura. Espera-se que não apenas quem ainda frequenta a Casa possa ter contato com o que foi feito no passado, mas também quem busca inspiração para criar novos espaços autônomos. Esse é um caminho para deixar acesa a chama da transformação social que até hoje serve como lanterna na escuridão em que o capitalismo e o Estado nos afundam cada dia mais. Afinal, como inspirar novas experiências se não contarmos nossos dias de resistência?

Os textos estão organizados em uma cronologia inversa, de 2011 a 2016: a nossa concepção de organização de espaço autônomo mudou junto com as pessoas que passaram a organizá-lo, portanto as reflexões mais recentes nos contemplam mais do que as antigas.

Boa leitura!

(Este texto foi escrito em agosto de 2016, antes da Casa Mafalda fechar suas portas.)

Quem vai botar o guizo no gato?*

(coletiva gestora da Casa Mafalda - agosto/2016)

No dia 30 de agosto de 2016 esvaziamos a Casa Mafalda de toda tralha, cacos e restos dos restos que ficam daquilo que ninguém mais quer, dos cinco anos acumulando poeira, goteiras, infiltrações e portas arrombadas por descuido ou falta de vontade para encontrar as chaves.

Fica para a casa milhares de demãos de tinta na parede descascando sobre os buracos nunca fechados, alguns pregos que não aguentam mais nada, algumas gambiarras com as quais tentamos improvisar o que, em outro momento, nos faltou ou sobrou. No corpo, fica o cansaço de carregar madeiras velhas e podres até a esquina para se desfazer na surdina do que outrora fora suporte e apoio: sofás, prateleiras e mesas. Ressecam as mãos por tantas escolhas arrastadas para última hora sobre o que destruir, o que deixar pra trás na esperança de que alguém dê outra utilidade, o que levar com a gente na esperança de que ainda nos sirva.

É o fim de mais um espaço autônomo em São Paulo, mas não é o fim do mundo, nem do caminho. Diante de todas as transformações pelas quais a Casa Mafalda passou ao longo desses anos, não reiventamos a roda ao concluirmos que um espaço físico é um meio e não um fim. Um espaço para o encontro de pessoas, ideias e práticas nas quais acreditamos.

Em tempos de avanço conservador, golpe de estado, acirramento de polarização política, defesas claras à opressão e censura, discriminação de origem, biotipo, fenótipo, crença, renda, ideologia, identidade de gênero e orientação sexual, espaços que resistam ao sistema opressor são cada vez mais necessários. Mas então, porque encerrar um espaço que se propõe à isso? A última formação do coletivo gestor da Casa Mafalda, composta apenas por mulheres, se viu diante desta questão e em seu 5º ano de (r)existência, decidiu pelo seu fechamento.

Acontece que vira um ciclo sem fim quando a caminhada não nos permite mais olhar o horizonte porque precisamos o tempo todo andar com o queixo no peito, como num campo minado evitando as bombas: aluguel e contas para pagar todo mês, o esvaziamento do coletivo gestor, poucas pessoas com pouco tempo para tocar atividades que nos motivassem a manter aceso aquilo que à princípio nos levou até lá, o distanciamento de coletivos parceiros na manutenção do espaço físico, a relação muitas vezes utilitária que pessoas e coletivos tinham com a Casa, mil tretas (algumas criadas por pessoas que há muito se afastaram e nos deixaram o peso de carregá-las e tentar resolvê-las) e a necessidade de, todo mês, juntar a grana pra pagar o aluguel e... assim por diante. Tendo em vista a inviabilidade de sustentação prática da Casa, encerrá-la

pareceu inevitável.

Além disso, é de conhecimento público o histórico de conflitos envolvendo a Casa Mafalda. Por isso, também foi uma preocupação tornar públicas, muitas vezes por cartas abertas, as reflexões e acúmulos de discussões que vieram em decorrência desse percurso (vide sumário). Mesmo quando não foi protagonista das divergências, a Casa se propôs a abrir espaço e acolher as colocações que apareciam, de acordo com sua proposta de ser um espaço a ser ocupado para pensamento e práticas de construção conjunta. E se propôs também a encarar os dedos apontados para si como forma de se olhar e rever.

Quando percebemos nossa posição em meio aos desentendimentos, ora como diretamente envolvidas por fazer parte da Casa, ora como mediadoras por cuidar do lugar onde alguma divergência aconteceu, pedimos ajuda de companheiras experientes no cuidado com a linguagem, com a mediação de conflitos e ações restaurativas. Procuramos todas as pessoas envolvidas para promover um espaço de diálogo onde todas as participantes pudessem falar e serem ouvidas. Tentamos tirar propostas de encaminhamento para reparar opressões e preservar a sanidade de quem muitas vezes lutava contra injustiças, mas foi injustiçada de alguma maneira.

Paralelamente à resolução de pendências externas à Casa, também nos preocupamos em conduzir da maneira mais responsável e parceira o fim do espaço físico e a busca por condições para que as atividades que funcionavam no imóvel pudessem continuar acontecendo em outros lugares. Assim, foi discutida a possibilidade de abertura de um outro espaço, com proposta distinta e que pudesse abrigar também o Cursinho Livre da Lapa, coletivo que mais atuava na Casa Mafalda em seus últimos meses. A gestão feminista que cuidava da Casa vinha repensando internamente sobre a proposta inicial do espaço, seu histórico, todo o peso que o nome evocava na militância e que não correspondia à nenhuma das participantes na época, além das afinidades que surgiam com a nova formação da coletiva gestora. Porém, considerando os impeditivos práticos que levaram a Casa a encerrar suas atividades, o grupo resolveu elaborar mais o planejamento tático e se concentrar momentaneamente no encaminhamento dos projetos que já estavam em andamento. Dessa forma, o Cursinho foi abrigado no centro da cidade e o grupo de estudos de pedagogia libertária se tornou itinerante.

Por fim, as reflexões ainda não se concluíram e as avaliações se misturam às memórias e sentimentos. Nós, mulheres que cuidamos do final da gestão, achamos muito simbólico um espaço autônomo aberto por homens, que foi palco de denúncia machista e que em seguida abriu espaço para estudos e trocas sobre o assunto, ser encerrado por mulheres. Nos sentimos responsáveis por concluir essa história e tentar resolver as pendências que ela havia deixado. É uma tentativa de restauração de um ideal, de um projeto, de nós mesmas e de todas as mulheres sem, contudo, ter a

pretensão de ter superado as questões de gênero e de opressões sofridas na e pela Casa, tampouco de tê-las limado da nossa história.

Levamos (com a esperança de que ainda nos sirvam) as tentativas de não dar as costas aos conflitos, aos incômodos e desconfortos que se colocaram dentro do espaço que tentamos construir. Mas aprendemos também que dedos apontados nunca deixarão de existir porque o cobertor é curto: ou cobre o pé, ou cobre a orelha. E quando falamos em ~tentativas~ é porque não existe receita ~libertária~ sobre o que fazer quando somos agredidas/os, quando agredimos, ou quando a agressão é a reação à uma primeira agressão. E estamos sujeitas/os a isso todo o tempo. Além de alguns livros e lâmpadas, levamos conosco também as relações construídas que extrapolam o espaço físico e as paredes de uma casa. De apoio mútuo, de divergências, de confiança, de luta e, porque não, de afeto.

*Sobre colocar o guizo no gato, refere-se a um livro infantil que encontramos na Casa chamado "A Assembléia de ratinhos". Ele contava a história de uns ratinho que decidiram em assembléia colocar o guizo no gato para estarem em alerta quando este se aproximasse. Nos identificamos com a história quando notamos que pensar e agir coletivamente, visando alguma horizontalidade, muitas vezes acaba sendo relativizar as reponsas e nunca colocar o guizo no gato.



Texto publicado na página da Fanfarra do M.A.L.

em 23 de agosto de 2016

Durante um ano a Fanfarra do M.A.L. morou no espaço autônomo e anarquista que foi a Casa Mafalda, recebendo visitas da Fanfarra do M.A.L - Zona Sul e da Fanfarra do M.A.L - abc. A idéia a principio era só ocupar a garagem, um teto para nossos instrumentos já tão judiados pela repressão. Da garagem a gente foi subindo

pra varanda, dividindo espaço com a horta orgânica, compondo músicas e trocando ideia. Rapidinho passamos pra sala, onde o sofá já surrado nos recebia alegremente após os ensaios e ouvia os dilemas das nossas reuniões por horas. Mas o cômodo da CM que iria mudar a Fanfarra para sempre estava lá no fundo, era o último, cujo a própria localização na arquitetura da planta já acusava como era improvável, renegada e nada romântica a COZINHA.

Não é segredo pra ninguém (e nem deve ser) que durante muito tempo a Fanfarra falhava miseravelmente em lidar com questões de raça e classe. O momento que as agressões de classe e raça ficavam mais evidentes era definitivamente aqueles nos espaços informais, naquele lanchinho em um restaurante gourmet pós ensaio. Essa era uma discussão que vinha muito antes de morarmos na Casa Mafalda, desde os tempos em que morávamos no Fofura e quando decidimos que o rango pós ensaio ia ser pão com manteiga para geral.

Como uma cozinha ajuda nisso? A Fanfarra passou a cozinhar os próprios almoços veganos! Depois de ensaio, antes de ato, durante reunião, em plena jornada contra a tarifa! A gente não sabia do que gostava mais: de cozinhar ou de tocar. Era cada delicia, era o Master Chef do movimento autônomo. Ninguém mais pagava pelo rango e toda munda era responsável por fazer ele. Algo que era tão simples, mudou a dinâmica de um coletivo inteiro, deu um chá de vergonha na cara dos militantes classe média e criou laços de amizade e reciprocidade entre as militantes. “As”



militantes mesmo, porque é obvio que por mais que existisse uma ou outra exceção, a cozinha era espaço das Fanfarrônicas, evidenciando aquela famigerada falta do recorte de gênero, mais conhecida como divisão sexual do trabalho.

É com pesar que a Fanfarra se despede dessa cozinha. É com pesar que todo o movimento autônomo se despede de um espaço de resistência no coração da Lapa. Nós só podemos agradecer a Mafalda que abriu as portas, nos possibilitou uma outra forma de existência enquanto coletivo e fez parte da nossa história. Agradecemos também a todas as mulheres da gestão da Casa Mafalda, que mantiveram esse espaço vivo e que como nós, com toda certeza, não por vontade própria, tiveram uma outra forma de relação com a cozinha.

Nos vemos na rua, enquanto houver loucura a luta continua.

De espaço agressor à casinha feminista (ou sobre como valorizar os processos políticos)

Por Luara Carvalho - 13/06/2016

Conversando com o Didi, companheiro de militância na Casa Mafalda, consegui atingir uma dimensão de um aspecto importante na construção de processos políticos: a dimensão da transformação possível das realidades.

Pois bem, ele me contou que, certo dia, conversando com uma amiga disse ela que ia para a Casa Mafalda e ela: “ah, aquela casa feminista?”. Isso me deixou feliz. Muito feliz. Porque ontem tudo que ouvíamos sobre esse espaço de militância que tanto me ensinou e me ajudou a crescer politicamente era que era um espaço inseguro para mulheres, que era um espaço agressor, etc. E hoje mulheres se relacionam com este mesmo espaço como sendo um espaço feminista, ou seja, seguro para mulheres.

Temos inúmeros textos já publicados sobre isso e não vou, portanto me ater em explicar os fatos do que aconteceu naquele fatídico 2012, pretendo me ater apenas ao processo posterior – e ao seu resultado.

Não é fácil entender-se como anarquista num mundo capitalista. Em si, isso traz já inúmeras contradições. Ser anarquista e manter aberto um espaço que tem princípios anarquistas é ainda mais contraditório. No entanto é necessário. Necessário para colocar um ponto de inflexão nesse sistema que se pretende hegemonicamente inquestionável.

Mas o espaço em si é formado e constituído por pessoas. Pessoas essas criadas e socializadas em um mundo que produz e reproduz opressões das mais diversas, e daí a importância da tal política prefigurativa, na qual praticamos aquilo que queremos construir. Mas qual a garantia real de que vamos ver limadas todas as opressões dentro dos nossos espaços se não discutirmos sobre elas politicamente? E mesmo quando as discutimos politicamente, qual a nossa garantia?

Discutir sobre privilégios é imprescindível nesse processo de construção de espaços seguros. Mas não só. E a história da Casa Mafalda que era composta de um coletivo de homens jogadores de futebol de várzea e hoje é composta apenas por mulheres comprova isso.

A entrada e a posterior permanência de mulheres feministas na casa, sempre tensionando as questões no sentido antipatriarcal, foi um ponto crucial dessa reconstrução do espaço na perspectiva feminista e seguro para as mulheres. E a existência dessas mulheres no espaço acabava por aproximar mais mulheres dele. O

que acabou constituindo um grande ciclo virtuoso de aproximação de manas interessadas em construir e pensar um espaço de resistência ao capital e ao patriarcado.

Desconstruir relações de opressão corroendo as estruturas por dentro é um trabalho árduo, desgastante e muitas vezes olhamos pra isso e julgamos infrutíferos. No entanto, a militância de esquerda no geral constitui-se na luta incessante de corroer sistematicamente as estruturas do sistema dentro do sistema.

Acredito que essa transposição é uma forma possível de fazer notar o quanto é importante corroer essas estruturas internamente e aponta para que não fazê-lo é correr o risco de condicionar espaços e pessoas a histórias únicas, imutáveis. É aceitar que não é possível de fato transformar estruturas – sejam elas pessoais, políticas ou sociais. É portanto jogar fora as experiências (ainda que sejam experiências ruins) e não entendê-las como processos políticos de aprendizagem e de construção. E isso é perigoso. Pois jogar fora experiências acumuladas é correr o risco de não combater um mal pela raiz, correndo o risco de que ele ocorra novamente.

Precisamos urgentemente conseguir aprender e ter acúmulo sobre as vivências e as experiências, pensando nelas como legados às próximas gerações, para que a luta realmente avance diante de tantos obstáculos que a sociedade nos impõe. Ou seguiremos constantemente correndo atrás do próprio rabo.

pintura da fachada, realizada coletivamente, sobre a pichação fascista. (abril/2014)



Pequena Mafalda

sobre espaços autônomos, crianças e seus adultos

Por Marília Carvalho e Fernando Konesuk - agosto/2016

As atividades da Pequena Mafalda aconteceram ao longo do ano de 2014, mas desde final de 2013 integrantes da gestão do Espaço Autônomo Casa Mafalda e pessoas próximas a gestão vinham se reunindo para discutir a construção de atividades voltadas para crianças na Casa. A inquietação que motivou esta reunião foi o afastamento principalmente de mães de espaços políticos, muito por conta destes espaços não serem acolhedores para crianças, bebês e para as próprias mães. Quando dizemos acolhedores entendemos que isso passa tanto pela estrutura do espaço como também pela cultura de convivência nele, e na Casa Mafalda víamos que tínhamos que trabalhar através destes dois eixos. Não havia o que crianças pudessem fazer no espaço, no máximo podíamos entregar um papel e caneta e tentar construir algo através do desenho (que era o que acontecia na maioria das vezes com a filha de uma das mulheres da gestão da casa na época). Além disso, a organização da casa também não favorecia a convivência de crianças: ao alcance delas havia garrafas de vidro, cabos, tomadas, equipamentos que buscavam apenas atender as demandas de festas, shows, exibição de filmes, roda de conversa e afins, atividades que aconteciam na Mafalda voltadas a um público jovem e adulto. Sem contar com as vezes em que pessoas sentiam-se incomodadas com crianças chorando, falando alto, correndo, brincado, no trocar de fraldas, na amamentação...

A Pequena Mafalda veio como um caminho que nos propusemos a seguir na tentativa de olhar com mais atenção para as crianças que frequentavam a casa ou que deixavam de frequentá-la juntamente com seus respectivos adultos responsáveis por elas (em sua maioria disparada, mulheres) pelos diversos motivos já assinalados.

Assim, buscamos a integração do público infantil e infanto-juvenil ao espaço. Esta integração foi entendida como a necessidade de construir um espaço político para as crianças dentro da casa, em que elas pudessem pautar o que gostariam de fazer e como fazer, fugindo do modelo escolar de reprodução do mercado de trabalho. No início foi também pautado como princípio de atuação a responsabilidade mútua: que todas as pessoas do espaço se responsabilizassem pelas crianças presentes, também almejando que as atividades da casa não fossem uma prestação de serviços, onde pais e mães pudessem deixar seus/suas filhos/as e buscar no final, mas sim que estes responsáveis participassem da construção desse espaço, das atividades, das vivências. Por isso sempre colocamos nas divulgações das atividades da Pequena Mafalda, o “convite para crianças (e seus adultos)”.

A Pequena Mafalda foi composta por integrantes da gestão do espaço autônomo e também por pessoas próximas a gestão, todas/os ali de alguma forma já tinham trabalhado e experienciado atividades relacionadas a educação, seja lecionando no



Convite da primeira atividade da Pequena Mafalda em fevereiro/2014

ensino fundamental e médio, na educação infantil, através de cursinhos populares, de oficinas em espaços culturais, em museus, em unidades da Fundação CASA. A junção destas experiências foi fundamental para pautar o trabalho dentro da Mafalda, pois já sabíamos que não queríamos reproduzir o que vivenciamos nestes outros espaços: o tom professoral e hierárquico, a imposição, a existência de donas/os do saber ou de alguém que pode escolher o que os outros querem ou devem fazer e assim por diante. Bebendo na educação anarquista, iniciamos as atividades.

fação o que quiserem

Apesar de não ser nenhuma novidade mesmo em se tratando de um cenário político autônomo que se pretende libertário e reivindica todas as lutas contra todos os tipos de opressões, pequena presença de homens responsáveis pelas crianças foi um ponto que se evidenciou em todos os encontros que realizamos.

No primeiro dos encontros vieram cinco crianças, entre elas um bebê, todas acompanhadas de suas mães e tias. Nesse dia propusemos uma oficina de quadrinhos, em que conversamos um pouco sobre a linguagem dos quadrinhos, vimos algumas HQs e decidimos conjuntamente o que produziríamos. As quatro crianças optaram por criar uma única história conjuntamente, que foi discutida por todas/os até decidirem se gatos e cachorros deveriam se matar no final, por qual motivo matariam uns aos outros, quais outros desfechos possíveis haveria além da matança geral e assim por diante... E

aí que apareceu um rato que fez gatos e cachorros se reconciliarem. Também deixamos um painel na parede para que as crianças intervissem. Ali, de um desenho de bonecos de palito surgiu um diálogo de balões entre eles em que um perguntava pro outro quem mandava ali e o outro respondia "fação o que quiserem!".

Curioso foi que não falamos objetivamente sobre política com elas. Apresentamos a Casa Mafalda, problematizamos a carnificina entre cães e gatos na história que estávamos criando juntas/os evitando os verbos no imperativo, compartilhamos o desejo de saber o que elas gostariam de fazer naquele espaço mas não explicamos didaticamente princípios como horizontalidade, autonomia ou anticapitalismo. De onde veio a ideia de que 'fação o que quiserem'?

Dessa primeira vivência, algumas reflexões vieram: não é só através da fala, do discurso, da teoria que as ideias chegam. A forma comunica: a organização do espaço,



desenho produzido por crianças e adultos durante a oficina de quadrinhos na primeira edição da Pequena Mafalda

a decoração, como dispomos os materiais para que sejam mais ou menos acessíveis, como elaboramos as perguntas, como não damos respostas, o que questionamos ou deixamos passar e muitas outras coisas que se configuram pelo que acreditamos e tentamos por em ação. Por todas essas vias, da forma e do conteúdo, àquelas crianças chegou a imagem da Casa Mafalda como um lugar

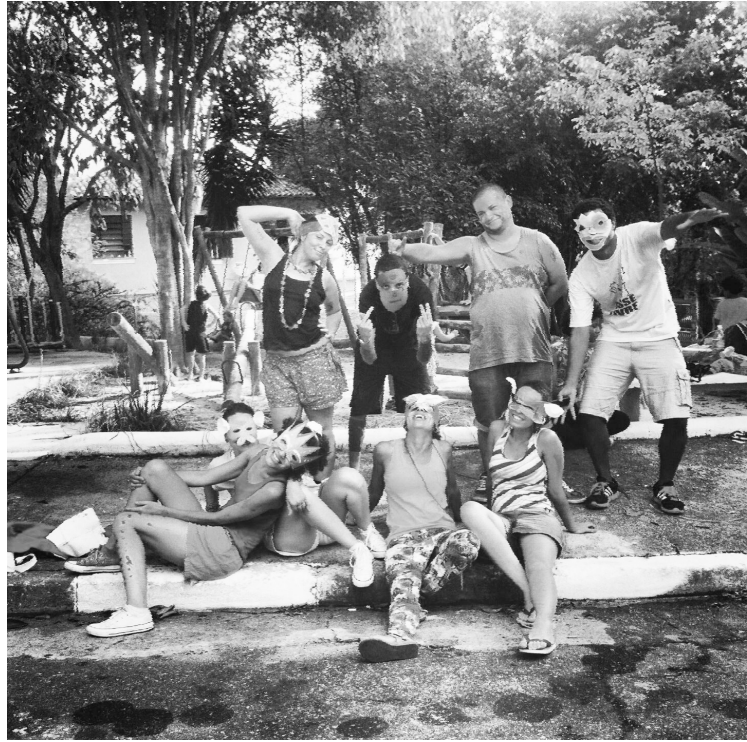
onde não havia alguém ditando regras e onde, conseqüentemente, tudo era permitido.

Compreendemos também que o entendimento das coisas do mundo não acontecem isoladamente. A leitura de um espaço onde ninguém vai te dizer o que fazer e como se sentar não acontece isoladamente, mas sempre na relação com outros espaços já familiarmente disciplinados. Talvez daí também venha a ideia do 'faça o que tu queres pois é tudo da lei'.

Mas nesse ponto é muito importante estarmos sempre conscientes da forma como comunicamos o espaço que queremos construir (tanto para crianças quanto para adultos) para que a horizontalidade, a autonomia e essa tal liberdade não sejam pra sempre confundidas com pode tudo.

A próxima atividade foi no mês seguinte, acompanhou as indicações de quem participou da primeira e reuniu bebês, crianças e seus responsáveis: foi uma tarde

inteira de atividades na Mafalda. Iniciamos com uma oficina de máscaras e fantasias, servimos um nhoque vegano de almoço e um caça tesouros que percorreu a Lapa finalizando numa guerra de bexigas, em uma praça. O balanço dela foi positivo, transcorreu num clima harmonioso e divertido, além de andarmos pelo bairro juntxs, mas também foi muito cansativo, tanto para as crianças quanto para os adultos.



baile de carnaval e guerra de bexiga na praça: adultos também se divertem na Pequena Mafalda

Deste encontro veio uma sugestão de trabalho com massinha, a partir de onde planejamos o “Desconstruindo a Páscoa” no mês seguinte, numa ideia de criar deusxs, criar outras páscoas; veio só um bebê com sua responsável e brincamos todxs juntxs com a massinha comestível que fizemos. Desta para a próxima houve um intervalo grande, de mais de 6 meses, numa proposta de trabalho com horta em outra praça da lapa, quando mais uma vez veio somente um bebê com seus e suas responsáveis e também uma viatura da Polícia Militar, que ficou parada bem próxima de onde estávamos, filmando com o celular nossa atividade muito ameaçadora: nós e um bebê



minhocas!

brincando com terra e minhocas e plantando algumas sementes. Uma época em que a PM acompanhava de perto as atividades da Mafalda, marcando presença em festas e shows punk, de rap. Depois disso fomos convidadxs para realizarmos uma atividade num espaço autônomo chamado “Raiz Libertária”, na Raposo Tavares, onde planejamos uma atividade sobre “coisas que voam”, numa ideia de construir pipas, capuchetas e afins. Mas não veio nenhuma criança e além de tudo choveu.

C A S A M A F A L D A C O N V I D A
PEQUENA MAFALDA Nº 4
 (para crianças e seus adultos)

A última atividade que a Pequena Malafda compôs foi durante a IV Feira Anarquista de São Paulo, onde organizamos junto com o LEA (Laboratório de Educação a Anarquista) o espaço para crianças na feira. Arrecadamos brinquedos, construímos brinquedos, houve algumas brincadeiras e contação de história. Foi a organização de um espaço para crianças na feira que durou o dia todo. Nesse espaço também retomamos a brincadeira com massinha comestível, com a proposta de construirmos uma cidade nova onde poderíamos escolher o que gostaríamos e não gostaríamos de

ter nessa cidade. Uma das meninas presente nos disse que na nossa cidade não haveria prefeito... E por que não? Por que não, ué! E era por aí, com a mão na massa, na conversa durante a brincadeira, que íamos descobrindo como as crianças percebem o mundo a sua volta e se relacionam com ele.

Uma das dificuldade que encontramos nestas vivências da Pequena Mafalda foi em formar um grupo fixo de pessoas (crianças e adultos) para que se estabelecesse

dentro dele uma dinâmica coletiva de deliberações e vontades, assim como um acúmulo de discussões e práticas conjuntas que desenvolvesse certa consistência nas ações e coerência política com o que nos propúnhamos a fazer. A dificuldade em bater as agendas e datas e o conseqüente longo intervalo entre um encontro e outro

tornaram as atividades da Pequena Mafalda ações pontuais.

Em 2016 experimentamos revisitar a Pequena Mafalda de Carnaval, propondo novamente a construção de máscaras e fantasias, o desfile pelo bairro e a guerra de bexiga no final. E, em partes, foi para nos lembrarmos de como a ausência de um diálogo contínuo e a construção conjunta desse espaço político nos coloca num lugar de prestação de serviço onde não queremos estar. A falta de cuidado dos/as participantes com o material que é pouco, a não responsabilidade com o uso do espaço que é comum, a reprodução de relações familiares pautadas pelo patriarcado... Tudo isso nos fez perceber mais uma vez que, inserir crianças e incluir mães, pais e responsáveis em um espaço político e, mais que isso, também nas discussões políticas inerentes a esse espaço, exige mais do que abrir as portas e fazer convites. A pré-figuração do mundo que acreditamos exige um esforço, um exercício de todos os lados, no sentido de transformarmos as relações que nos são previamente dadas.

Por fim, já distantes das atividades da Pequena Mafalda e com a iminência do fechamento da casa, a Casa Mafalda teve um filho: nasceu Martin, filho da Mayra que esteve até o fim da gestão. Com um bebê e uma mãe entre nós, também fomos obrigadas a colocar em prática dentro da nossa rotina as questões que nos propusemos a discutir dois anos antes: nos adaptarmos a tudo que implica em ter uma criança convivendo com a gente, sem a necessidade de chupeta ou qualquer coisa que apazigüe ou silencie ou diminua os barulhos e os ânimos para não “atrapalhar” as sérias discussões políticas entre adultos.

Na prática, isso significa não só pensar em atividades que acolha e integre crianças e mães, mas é também adaptar horários e locais de reunião, estar disponível para revezar o colo pra criança, afirmar sempre que o choro, a interrupção pra dar de mamar, a dor de dente, o balbuciar não atrapalham e são bem vindos. E talvez mais coisas que não tivemos tempo de descobrir durante a existência da Casa Mafalda. E ainda ter consciência da responsabilidade e cuidados coletivos que todas e todos têm (ou precisamos ter) com essas pessoas ali dentro daquele espaço (e não só do espaço físico, mas do círculo de relações que criamos dentro dele), dentro da tal da pré-figuração do mundo que queremos.

Entre: a porta está aberta

Breve reflexão sobre os 5 anos da Casa Mafalda

por Danilo Mandioca - agosto/2016

A Casa Mafalda nunca foi algo fácil de definir. Nascida da heterogeneidade do Autônomos FC, um time de futebol começado por punks e anarquistas (já bastante diversos entre si) que, no momento de abertura do espaço, estava em pleno processo de expansão, com pessoas de classes sociais, realidades e vivências diferentes, os desejos e expectativas ao seu redor eram muitos: balada pra alguns, estúdio de música pra outros, lugar pra tomar cerveja e se encontrar pra maioria e tentativa de centro social pra um certo grupo. Na abertura, em dois dias, com pessoas, grupos e coletivos libertários de toda a Grande São Paulo presentes, ao anunciar que as portas estavam abertas a todas as iniciativas que tivessem uma mínima afinidade conosco, uma das falas marcou pra sempre: "vocês estão se propondo a ser zeladores de espaço autônomo, algo que ninguém nunca quer ser". Era uma previsão de trabalho, muito trabalho. Cinco anos depois, a Casa Mafalda mudou, girou, passou por diversos momentos e se transformou, mas nunca deixou de estar por completo no lugar de intersecção em que nasceu.

Dentro e fora

Ter um espaço. Na frase, o verbo ter implica possuir. Espaço delimita uma área, um território, físico e simbólico ao mesmo tempo. Assim, o projeto da Casa Mafalda implicava olhar para dentro, olhar para o coletivo e olhar para a casa em si. Que destino dar a cada cômodo? Como organizar o dia a dia? O que as pessoas querem ser e realizar aqui dentro? Quem querem receber, quando e como? As questões não estavam objetivamente formuladas, mas estavam subjetivamente colocadas. O espaço tinha "dono", mas se anunciava como aberto a quem quisesse experimentá-lo; se colocava entre a necessidade de organização interna e a expectativa externa do que viria a ser. Dessa tensão, surgiram conflitos, vários, desde antes de começar. Conflitos que movimentaram o espaço, fizeram a roda girar, mas que também deixaram marcas e escavaram buracos no coração e na mente de muitas pessoas. Ao não obedecer uma suposta ordem de primeiro organizar a casa pra depois convidar as visitas, e querer ser tudo ao mesmo tempo, o coletivo que geria o espaço foi aprendendo a estabelecer seus limites na prática. Dentro importava, porque dizia respeito a continuar existindo juntos, enquanto um grupo gestor; fora importava, porque criar uma ilha da fantasia sem comunicação externa seria um projeto completamente contra-revolucionário – e porque,

a todo instante, haviam cobranças externas, grande parte delas baseadas nas expectativas do que seriam ou do que, aos olhos de fora, deveriam ser.

Da intersecção, surgiram fraturas. Em cada momento, pessoas e grupos diferentes se aproximaram e se afastaram da Casa. A falta de um processo claro de entrada e aproximação e de ferramentas internas capazes de não expelir quem se sentia desconfortável obrigou o coletivo gestor a se reinventar muitas vezes. Esse processo também fez surgirem novas raízes: da presença de crianças, de dentro e de fora, nasceu a Pequena Mafalda, que ambicionava incluir os não-adultos no processo de formação política a que estes se submetiam; dos grupos de estudos e encontros formativos, nasceu um cursinho popular; das discussões e tentativas de superação internas, nasceu um jornal-zine, reflexo da necessidade de comunicar para fora o que se pensava dentro; dos problemas e violências de gênero internas e externas, nasceu uma coletiva de mulheres, entre outros exemplos mais ou menos duradouros.

Ao mesmo tempo, as lutas sociais pela cidade, em muitas das quais muitas das pessoas do coletivo já estavam envolvidas, chamavam a atenção e clamavam por solidariedade. A Casa foi base, local de reunião e emprestadora de equipamentos para diversos movimentos sociais; organizou festas para arrecadar fundos para a luta; foi parte de articulações entre diversos grupos; abriu-se para debates, lançamentos e discussões de muitas pautas.

Estar dentro e fora ao mesmo tempo era como um cabo de força: a horta sem regar chamava a atenção para dentro; a cidade em combustão impelia a combater nas ruas.

□ público e o privado

- Você mora na Casa Mafalda?
- Não.
- Quem mora lá?
- Ninguém.
- E quem cuida da casa?

Esse diálogo aconteceu muitas vezes, com muitas pessoas do coletivo. Uma casa pressupõe moradores; não havendo, como explicar sua manutenção? A proposta de ser um espaço de todas as pessoas do coletivo implicava em responsabilidade por parte de todas elas para cuidar do espaço. E cuidar do espaço significou, para muitas, a realização de tarefas domésticas desconhecidas em suas próprias casas, um laboratório coletivo que, sem uma estrutura clara de como acontecer, acabou diversas vezes por reproduzir as mesmas relações que queriam negar. Mulheres limpavam,

decoravam e cozinhavam; homens faziam compras, carregavam peso e cuidavam da parte técnica do som. Não era sempre assim, e por vezes os papéis se trocaram, mas na grande maioria das vezes a divisão sexual tradicional do trabalho se fez presente. Além disso, a falta de uma estrutura gerou um processo cíclico de sobrecarga de determinadas tarefas sobre uma pessoa ou grupo de pessoas. Assim, houve quem limpasse a casa depois de festas por semanas em sequência até não aguentar mais; houve quem se preocupasse com as contas e lembrasse datas e propusesse formas de arrecadar por meses até não aguentar mais; houve quem insistisse no controle de gastos e em planilhas de entrada e saída até se dar por vencido, entre outros exemplos. O espaço, entre os interesses privados e as necessidades públicas, repetia a rotina de uma república de estudantes.

Por algum tempo, a Casa teve sim moradores. Pessoas pertencentes ou próximas do time de futebol, e por consequência do coletivo, compreendido à época em um sentido amplo que englobava todo o time e as pessoas ao seu redor. As tensões de ser um lugar público e ao mesmo tempo a casa de algumas pessoas acabou por gerar novos atritos, e ao cenário de sobrecarga de tarefas adicionou-se uma nova dimensão de pertencimento e propriedade. Entretanto, foi em outro momento que essa dimensão se desenvolveu mais intensamente: no processo que culminou na cisão entre o coletivo que geria a Casa, que aos poucos se formava em torno de algumas pessoas, e o time de futebol, ainda que muitas pessoas deste estivessem presentes naquele. Enquanto o primeiro tensionava pela gestão pública e coletiva do espaço, o segundo se comportava em grande parte do tempo como senhor da Casa, a ponto de deixar a louça suja na pia ou arrambar a porta e deixá-la escancarada sem sequer avisar ninguém do problema. Um comportamento que, mesmo não sendo deliberado ou proposital, denunciava a falta de uma estrutura simples de divisão de tarefas que lidasse com o estar na casa em todos os seus momentos – ou, em outras palavras, que desse conta das regras simples de "pegou, guardou" e "sujou, lavou". Herança de uma estrutura social em que não estamos acostumados a sermos responsáveis por todos os momentos e espaços de nossa vida?

Apesar disso, talvez a esfera mais representativa simbolicamente do conflito entre público e privado durante toda a existência da Casa tenha sido o caixa (não a função de caixa, mas o caixa físico): das tentativas de controle no início, impulsionadas pelo "desaparecimento" de montantes enormes de cerveja por conta da prática desenvolvida de "pagar depois" (que denotava o sentimento de propriedade sobre o espaço desenvolvido por uma grande parte de seus frequentadores) à inexistência de uma pessoa que cuidasse do caixa no dia a dia da Casa em seu final, o cuidado com o dinheiro e os possíveis prejuízos financeiros nunca foram uma tarefa completamente apropriada por uma única pessoa ou grupo dentro do coletivo. Se no começo a sensação de desconfiança era contínua, no final a prática de pegar a cerveja e colocar

o dinheiro no caixa se disseminou de tal forma que o próprio caixa, antes guardado e escondido em um cômodo com chave, permanecia na sala de entrada em uma caixa simples de papelão, à vista e alcance de todos.

Entre o público e o privado, o maior controle encontrado foi não ter nenhum – ou quase nenhum – controle. Se por um lado isso tirava a importância simbólica do dinheiro, que deixava de ser um bem que deve permanecer privado e escondido a todo custo, por outro implicava em contas que quase nunca fechavam no fim do mês, e que precisavam ser pagas do próprio bolso. Nesse sentido, a busca por autogestão financeira foi um objetivo nunca alcançado na Casa Mafalda, e o coletivo se viu, muitas vezes, obrigado a abrir suas contas para o mundo e pedir solidariedade.

Aberto e fechado

"Somos um espaço autogerido de gestão aberta". Por muito tempo o coletivo repetiu essa frase. Mas o que ela queria dizer, se é que havia um sentido comum a todas as pessoas do grupo? O que é ter uma gestão aberta? Qualquer pessoa poderia entrar? Sim, e não. Não havia um processo claro de entrada, de averiguação de afinidades políticas comuns; pessoas entravam e saíam, de certa forma, da mesma maneira como entraram e saíram do time de futebol que deu origem à Casa. Eram amigos, conhecidas, gente que veio a uma ou outra atividade, gente que ouviu falar e se aproximou. De um lado, isso mantinha uma heterogeneidade; de outro, acabava por criar uma espécie de "filtro" processual que, conforme o cotidiano se desenrolava, fazia com que quem não se encaixasse completamente dentro do comportamento comum do coletivo acabasse por se sentir desconfortável e, quando o desconforto não se resolvia, deixasse o coletivo. Sendo este majoritariamente masculino e herdeiro da heteronormatividade padrão de um time de futebol, na maioria das vezes a corda arrebentou pro lado mais fraco da relação de poder.

"Princípios!", gritaram várias pessoas em vários momentos. Era preciso ter princípios, e o coletivo passou quase todos os cinco anos da Casa discutindo-os sem nunca chegar a formatá-los consensualmente. Em termos gerais, sabia-se quais eram eles; advinham da prática, dos desejos, dos conflitos e das formas encontradas para tentar superá-los. Mas nunca estiveram organizados estruturalmente, por mais que tenham sido lidos e discutidos artigos, estatutos e processos de formação de movimentos sociais, coletivos e grupos mundo afora para servir de exemplo. Importava tê-los? Colocá-los no papel garantiria ou mudaria algo? Essa discussão vinha e voltava, e enquanto isso as relações internas se construía e reconstruía.

No meio desse processo, em algum momento, surgiu um termo que passou a povoar o imaginário coletivo cotidianamente: prefiguração. Fazer política pré-figurativa. Tentar estabelecer hoje as relações pessoais, políticas e afetivas que se gostaria de ver

no futuro. Subjetivamente, esse valor passou a ser um parâmetro para as ações, as relações e para o que se esperava de quem se propunha a estar no espaço. Uma formação de gênero, demanda da presença feminina cada vez maior no coletivo e consequência de uma violência de gênero que envolveu o coletivo pouco mais de um ano após a abertura da Casa, passou a ser obrigatória; dividir as tarefas e compartilhar o que cada pessoa sabia fazer se tornou uma proposta contínua. Prefigurar implicava se reconstruir, sair do lugar de conforto, cutucar os medos, se reencontrar com quem estava à volta. De certa forma, essa nova orientação passou, aos poucos, a fechar o que se pretendeu aberto. Não um fechamento exclusivo e autoritário, mas um fechamento processual, fruto de uma aproximação cada vez maior entre as pessoas e da criação de valores comuns mais palpáveis. O coletivo gestor, ainda heterogêneo e ainda sem uma causa ou um objetivo comum, nem dentro e nem fora, se tornava aos poucos um grupo de afinidade, carregando dentro de si algumas microfraturas acumuladas com o tempo. Esse acúmulo de tensões e de angústias internas, algumas delas alimentadas pelas diferenças de opinião e de interesse no agir dentro ou fora do espaço, e a inexistência de um processo claro de saída do coletivo acabaram por proporcionar uma rotação de pessoas mais veloz do que a capacidade interna de absorção e compartilhamento dos valores comuns construídos. O coletivo gestor da Casa passava por um movimento elástico contínuo: se aproximava e se afastava, se abria e se fechava.

Nesse processo, passou-se a abrir não mais o coletivo, mas sim o espaço para a presença de outros coletivos. Com essa nova presença e a existência do cursinho, a desproporção étnica de quem fazia parte e de quem frequentava a Casa passou a chamar mais a atenção, e a gerar incômodos. E veio um novo conflito, violento, que envolveu uma agressão física por parte de pessoas de fora do coletivo, impulsionada por uma situação de racismo estrutural que, por sua vez, derivou de uma denúncia de gênero e de raça relacionada ao cursinho. As ferramentas criadas no processo de lidar com os conflitos de gênero anteriores possibilitaram a proposição de caminhos de resolução mais objetivos, ainda que impregnados de subjetividade e incerteza - afinal, nunca houve manual de instruções sobre como proceder para tratar de uma agressão desse porte. Mas o peso da agressão foi grande demais, e o tamanho do conflito, em um momento de enfraquecimento nas relações internas do coletivo, que se reconstruía com a presença de novas pessoas e a saída de algumas outras, ocasionou o começo de uma implosão, impulsionada na sequência por um novo conflito interno que se desenrolou entre as relações pessoais e as relações políticas do coletivo.

□ pessoal e o político

“O pessoal é político”. Esse mantra é repetido à exaustão nas esferas libertárias,

ainda que muitas vezes da mesma forma irresponsável com que se multiplicam frases atribuídas a autores famosos nas redes virtuais: sem ninguém saber de onde vieram, o que querem dizer e se a autoria é mesmo aquela. Na Casa Mafalda, a tensão entre pessoal e político sempre esteve presente, e se colocou de diversas maneiras e em diversos momentos. É possível arriscar dizer que, nessa relação, foi a questão de gênero o motor que mais gerou aproximações e afastamentos entre os dois lados; em diversas ocasiões, o coletivo foi confrontado com a necessidade de cobrar politicamente pessoas e grupos por quem tinha afeto pessoal por conta de atitudes violentas envolvendo gênero. Nunca foi fácil, mas reconhecer que o pessoal é político passava exatamente por entender que os elementos que compõem as subjetividades pessoais e as relações são influenciados, quando não determinados, por relações de poder – e, portanto, políticas. Estruturais ou não, não era possível escapar delas, e a linha entre o afeto e as pautas políticas internas e externas alargou-se para um lado e para outro muitas vezes.

Como esperar sentir-se confortável se você é homem em um coletivo misto no qual se discute e se questiona a questão de gênero a todo instante, lembrando-o de que você está do lado do opressor? Como ser mulher e estar nesse coletivo se, mesmo discutindo e tentando desconstruir e reconstruir as relações de gênero o tempo todo, ainda aconteciam tensões, violências e situações de desconforto, que reforçavam as opressões vividas? Foram experimentados muitos caminhos, e de todos eles a formação de gênero parece ter sido a principal. Se não esgotou as questões, o que seria impossível, o tempo cotidiano destinado obrigatoriamente a confrontá-las fez com que os lugares de poder estivessem, no mínimo, sob questionamento. De um espaço começado praticamente apenas por homens, a Casa Mafalda chegou ao seu fim composta majoritariamente por mulheres – no momento derradeiro, apenas por mulheres.

É difícil, pra não dizer indesejável, mensurar o quanto as relações pessoais e o quanto as relações políticas estiveram presentes nessa transformação. Mas arrisco dizer que, com erros e acertos, dores e sofrimentos, houve uma transformação estrutural na Casa Mafalda, na qual, entre o pessoal e o político, o político foi priorizado na grande maioria das vezes, ainda que isso tenha custado a perda de uma imensidão de relações pessoais – entre as pessoas do coletivo e externamente. Nas tantas questões políticas que envolviam relações afetivas internas, o esforço sempre foi o de não deixar os sentimentos se sobreporem ao que o coletivo considerava a melhor ação a ser tomada. Houveram erros em alguns casos, acertos em outros, mas é possível dizer que nesse processo foi desenvolvido um mínimo de ferramentas políticas, o que possibilitou criar uma estrutura, mesmo que ainda informal, forte o suficiente para lidar com os conflitos. E mesmo com o final da Casa, o que foi construído não se perde com o fim físico do espaço.

É também nesse sentido que acredito ser fundamental escrever este registro.

A importância da ausência

Quando começou a Casa Mafalda, o Autônomos FC já tinha 5 anos. Com isso, algumas pessoas que fizeram parte do time desde o seu começo estiveram presentes em todos os 10 anos que vão do início do Auto aos 5 anos da Casa Mafalda. O acúmulo gerado por todo esse tempo gerou um peso político ao redor desse grupo de pessoas, e estas, de uma forma ou de outra, acabaram por exercer um poder informal dentro do coletivo, se tornando referências ainda que não percebessem ou desejassem, principalmente quando as tarefas não rotacionaram efetivamente entre as pessoas do coletivo. Foram esse peso político e os impactos das relações de poder geradas por ele que inspiraram a escrita desta reflexão.

Se por um lado permanecer por bastante tempo em um coletivo permite um acúmulo político e pessoal, por outro, quando esse coletivo é marcado por uma rotação muito grande de pessoas (e não de tarefas), a relação de poder entre quem já estava e quem está chegando se reforça mais e mais. Quando não há um processo estruturado na rotação entre os “velhos” e os “novos”, essa situação se reforça ainda mais, e o peso político – e pessoal – dos “antigos” cresce. Em diversas ocasiões, essa carga ocasionou desejos de saída do coletivo, tanto de um grupo quanto de outro. Entre o grupo mais antigo, a saída era muitas vezes refreada pela ideia de que era possível estar e desconstruir o peso político, usá-lo de uma forma positiva. Muitas vezes isso aconteceu, transformando o que era peso em ferramenta, mas ao final do processo acredito ter ficado bastante clara a importância da ausência: ainda que pudessem ter acontecido de forma mais equilibrada, permitindo ao coletivo não sofrer rupturas tão grandes na construção de seus valores comuns e na consolidação de uma estrutura política, as saídas graduais de quem já estava há bastante tempo abriram espaço para o surgimento de novas relações e parâmetros.

Assim como a ausência do Autônomos FC foi fundamental para que a Casa Mafalda conseguisse seguir um caminho próprio, encontrar suas ferramentas e construir uma estrutura que possibilitasse a transformação política do espaço, a ausência de figuras de poder carregadas com esse peso é igualmente importante para que as relações internas de um coletivo não acabem por rotacionar em torno de quem “já estava”, para que o acúmulo pessoal não se transforme em um privilégio político. Hoje, ao olhar para trás em perspectiva, é possível enxergar com maior nitidez a importância de, ao começar qualquer projeto coletivo, ter em mente o processo de construir uma estrutura política e desenvolver uma forma de passá-la adiante para que outras pessoas a continuem, a transformem e, caso necessário, a destruam e construam outra coisa no lugar. O coletivo precisa se estabelecer em torno dessa

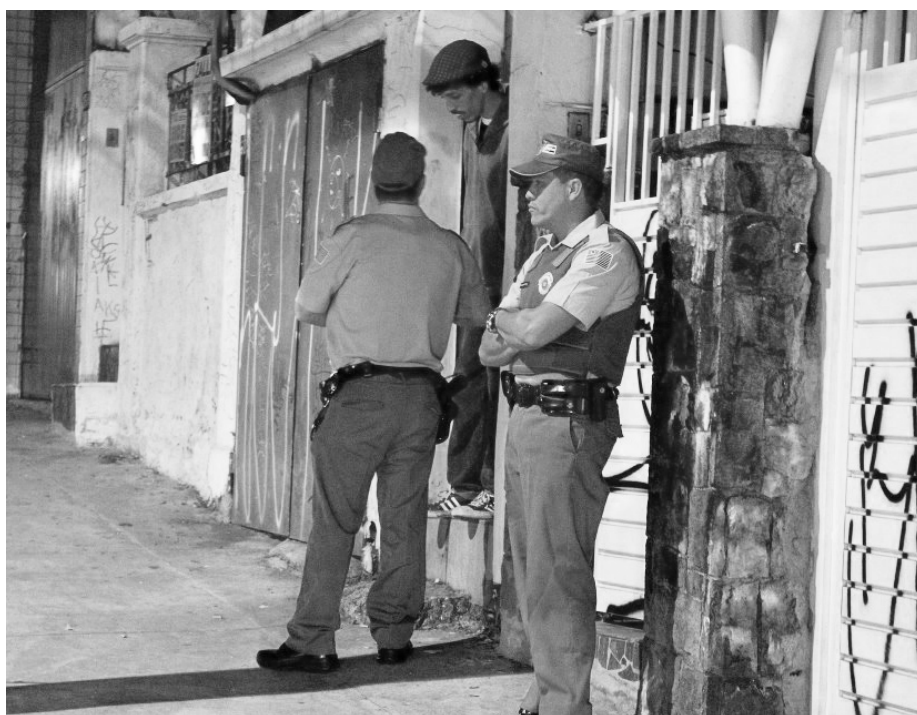
estrutura política, seja ela qual for, para que quem chega encontre um modo de funcionamento estabelecido, inclusive para poder questioná-lo, e para diminuir ao máximo a saída de pessoas por questões afetivas, pessoais e/ou pela ausência de uma estrutura palpável e compreensível.

Cada qual a seu modo, o Autônomos FC e a Casa Mafalda jogaram luz sobre a disputa pelo espaço urbano, público e coletivo, e a Casa aspirou a pré-figuração política de relações pessoais libertárias. Se no início da Casa Mafalda a necessidade de um grupo de pessoas que juntava coisas aparentemente antagônicas, como futebol e liberdade, de gritar que existia e que era capaz de ter seu próprio espaço e a ausência de um espaço libertário na cidade, ocasionada pelo fim do Espaço Impróprio, foram disparadores fundamentais para o projeto acontecer, seu fim acontece num momento em que um coletivo gestor exclusivamente feminino, um cursinho que aposta em formas alternativas de educação e um café libertário que coloca em questão o valor financeiro das trocas materiais acontecem do lado de dentro da Casa, enquanto pela cidade a luta estudantil autônoma e movimentos sociais que abordam as questões étnica e de gênero ganham cada vez mais espaço e força. Disparadores não faltarão jamais.

A Casa Mafalda termina, portanto, da mesma forma como começou: de portas abertas, para quem quiser entrar e construir mais um começo.

Nunca do zero.

a polícia, além de fazer abordagem em atividades com crianças e minhocas, também fez intervenções em festas noturnas.



Autonomia da autodestruição

Por Luara Carvalho - 30/10/2015

Comecei a militar ativamente no movimento autônomo há dois anos.

Não foi tranquilo o meu começo, já que escolhi ajudar na construção de um espaço autônomo e construir um espaço de acordo com princípios nos quais se acredita coletivamente é difícil. Foi mais difícil ainda pelo fato de o espaço em questão trazer consigo uma denúncia de agressão de gênero que precisava ser discutida e tratada seriamente.

E foi custoso aprender que política se constrói no diálogo. Foi custoso porque vi os canais de diálogo e portas de espaços políticos muitas vezes serem fechadas para mim justamente por quem deveria estar do mesmo lado que eu na trincheira da luta contra o patriarcado e o capitalismo.

Mas foi na construção destes espaços políticos e de diálogo onde me encontrei politicamente. Sabia que estar nesse processo com companheiras e companheiros que tem o mesmo horizonte político tornava a caminhada mais leve, me tornava mais forte. Sabia o quanto era (e é) importante coletivamente pré-figurar aquilo que acreditamos.

Mas não é possível restringir construção política à prática coletiva (e afetiva) dentro de um único espaço ou com apenas um grupo delimitado de pessoas. E, para construir algo maior é necessário encontrar outros grupos e coletivos aliados à luta, companheiros de caminhada, parceiros.

Foi na busca por parcerias que vieram dificuldades maiores ao mesmo tempo em que se construíram relações sólidas e solidárias. Muitas vezes, grupos diferentes não estão com a mesma disponibilidade ao diálogo, ou não acreditam nele como caminho para a superação das diferenças. Ou muitas vezes tem leituras e percepções distintas sobre os pontos de conflitos. Ou muitas vezes tem discordâncias pontuais que acabam se transformando em graves discordâncias políticas. E nestes casos os canais de diálogo se fecham, se cortam, acabam.

E reconstruir uma relação nestes casos às vezes se torna impossível. Talvez seja necessário entender, que nem todas as pessoas ou grupos sejam parceiros. Talvez seja necessário assumir que há divergências de tática. Talvez seja melhor fechar os canais de diálogo (ao menos temporariamente) para não causar feridas e desânimos.

Nos momentos em que, dentro do movimento autônomo, aparecem divergências e que estas mostram-se inconciliáveis, talvez seja necessário aceitar que nossos caminhos enquanto grupos políticos são distintos e não tentar conciliar, até que se

esteja pronto pra isso.

No entanto, essa escolha não me acalenta tanto. Acredito que a vontade de construção coletiva deveria ser mais forte e mais potente que a falta de diálogo. Pois toda vez que um grupo autônomo de esquerda cinde de outros, toda vez que um coletivo se fragmenta, toda vez que mulheres brigam entre si, todas as vezes que as barreiras de conciliação se tornam intransponíveis é mais um sorriso no rosto do inimigo comum.

Acho que precisamos estar mais abertos à escuta e a autocrítica enquanto movimento. Talvez, seja necessária a criação de espaços de convivência, troca e diálogo maiores entre os coletivos, talvez seja mesmo um processo pedagógico exercitar a escuta. Talvez seja dolorido (embora necessário) fazer uma autocrítica. Talvez, o movimento autônomo precise criar ferramentas para fortalecer emocionalmente militantes.

Acredito que não podemos mais nos furtar de pensar nessas questões, ao perigo de enlouquecer, brigar uns contra os outros e nos autodestruir ao invés de nos fortalecer e auto organizar e lutar juntos contra o inimigo real.



grafite do Sérgio em frente a Casa Mafalda

Quando o seu coletivo é o agressor: reflexões do lado de cá

Por Luara Carvalho, Eloisa Torrão, Nina Calejan, Mayra Oi, Thais Barbosa e Alynne Tustra
- 31/03/2015

Outubro de 2012. Um grupo de futebol anarquista, formado por time de homens e time de mulheres, e sua então sede (que pouco tempo depois tornaram-se coisas distintas por divergências políticas): Autônomos e Autônomas FC e Casa Mafalda. Durante uma troca de e-mails que buscava estabelecer princípios que norteavam coletivo e espaço, o rastilho: uma fala machista seguida de ameaça física contra uma das membras.

Muitas pessoas já conhecem esse roteiro e esse texto se propõe a contar exatamente o que já sabemos. Só que por outro prisma. O lado B, ainda marginal, o ângulo em que mesmo quando a questão se refere a nossa classe, ainda não encontra espaço. O lugar inconsistente das mulheres que escolheram permanecer no coletivo e das mulheres que também assumiram a bronca em seguida, ao entrarem para a gestão do espaço.

No período em que time e Casa Mafalda eram uma única coisa, também sofremos muitas violências de gênero, portanto, a lista de e-mails não foi um caso isolado, foi um estopim para que as mulheres apontassem o que acontecia há muito tempo. Respeitamos as que o fizeram e as que cortaram relações com time e espaço em solidariedade, mas acreditamos que permanecer também era uma opção política e corajosa a ser considerada. Assim como foi uma opção política nos colocar nesse limite ao entrar para a gestão de um espaço com esse histórico, em apoio as que ficaram nele praticamente sozinhas.

Algumas pessoas acreditam que esses fatos já são antigos demais e tratá-los como pontuais numa trajetória é retomar uma história em vias de degradação, é minar a constituição de novos projetos para o espaço e os coletivos, é reviver um ato isolado que deve ser deixado para trás. Outras insistem que tratá-lo novamente é remediar superficialmente o caso, limpar a barra pra agressão e agressores. Nós, mulheres, confiamos que é combater o machismo nos espaços libertários e possibilitar que as lógicas de dominação do patriarcado que resultam nas nossas consequentes opressões e das identidades de gênero que não homem-cis-hétero, não sejam reproduzidas nesse e noutros lugares.

Consideradas por muitas pessoas como passadoras de pano para agressores ou meras companheiras afetivas dos homens, tivemos ambientes de luta, esses que nos favorecem no sentido de consciência de classe e criação de estratégias de resistência e de união, negados. Negados sobretudo por outras mulheres, companheiras de luta

feminista.

Do nosso ponto de vista, limitar o nosso acesso, mesmo que de modo velado, é desejar uma revolução egoísta, para poucas, onde apenas estritas semelhantes merecem apoio. Outras não merecem ao menos serem ouvidas. Pelo contrário, ouvimos que ao nos juntarmos com os agressores, deveríamos aguentar as consequências. E a nossa morte política é sem dúvidas a pior das consequências.

Mas quem julga desse modo, esquece-se novamente que nossas escolhas são atos de empoderamento e portanto, atos para um horizonte igualitário. Não nos enfiamos e permanecemos nesse caos de ideias por inércia. Novamente, ressaltamos nosso respeito pelas companheiras que se retiraram, tanto por se sentirem incomodadas quanto por sororidade a estas, mas nós decidimos ficar porque acreditamos que também podemos modificar as estruturas por dentro. Estivemos dispostas a dialogar com o espaço e com alguns caras para que outras agressões não acontecessem conosco e com mulheres que ali queiram estar também. Até quando teremos que nos retirar? Até quando a metodologia do escracho e do punitivismo, que não mira apenas no alvo que deve acertar, será eficaz? Até quando essas práticas serão nossas únicas opções e exclusivas aliadas? Ocupar e exigir posicionamentos coesos com as ideias libertárias é também um modo de lutar!

Mas nosso posicionamento é constantemente menosprezado, somos hostilizadas por fazermos essa escolha. Nossa potência política é submetida a exigências de outras feministas o tempo todo e por mais que gritemos, raramente somos ouvidas com o intuito de construção e apoio mútuo. Nos sentimos sempre encurraladas, pois se falamos sobre o caso, somos julgadas como testas de ferro ou passa pano. Se não falamos, somos submissas. De todo o modo, esse tipo de julgamento nos vitimiza perante um sistema de dominação já posto e nos posiciona como mulheres tolas que contribuem conscientemente para seus agentes de opressão.

Outra reflexão que permeou esse processo é a de que a criação de espaços seguros para mulheres não pode ser apenas responsabilidade nossa, uma vez que numa sociedade de opressões estruturais, são eles que trazem a insegurança para os lugares.

Acreditamos que quando se tem no horizonte comunidades onde todas as pessoas tenham segurança, voz e respeito, todas as pessoas têm o dever de participar da (des)construção dessa sociedade. Acreditamos portanto, na política pré-figurativa, na qual praticamos aqui e agora o que desejamos. Isso explica porque ficamos no coletivo, porque quisemos pensar a estrutura por dentro, porque resolvemos optar por um caminho também difícil, cheio de adversidades. Mas isso não explica, no entanto a retaliação que sofremos por parte de companheiras dos movimentos autônomos e libertários.

Queremos pontuar que as mulheres que ficaram, ajudaram e chegaram durante esse processo pelo qual ainda estamos passando, foram fundamentais. Todas elas. Conseguimos construir relações de confiança e fortalecimento, sobretudo (e quase que unicamente) dentro da Casa Mafalda, após a separação com o Autônomos. Isso foi essencial para que permanecêssemos no espaço. Embora entendamos os pontos já colocados por muitas mulheres, acreditamos que a retirada dos espaços políticos não pode ser a única opção, pois eles nos pertencem também. Achamos importante que ele seja percorrido por quem tem disposição para tal.



perspectiva do espaço autônomo

Por fim, com essa nota pública esperamos documentar e expôr o lado de cá, desejamos que as nossas ações sejam também respeitadas e que possamos contribuir para que outros modos de organização das relações entre mulheres que divergem, mas que devem estar juntas enquanto classe de resistência, aconteçam. Pois enquanto todas não formos livres, nenhuma de nós será.

Responsabilização e reflexões sobre uma questão de gênero

Por Coletivo gestor da Casa Mafalda - 05/10/2014

Há quase 2 anos, o espaço autônomo Casa Mafalda foi denunciado por conta de uma agressão machista. Naquela época, a Casa era a sede da equipe de futebol Autônomos e Autônomas FC. Este não é um texto com a finalidade de eximir ninguém da responsabilidade da agressão machista em questão. É uma carta de responsabilização, além de uma reflexão sobre questões de gênero pela qual as pessoas que compõem atualmente o coletivo misto gestor da Casa Mafalda têm passado nos últimos tempos desde a denúncia.

É importante ressaltar que desde agosto de 2013 a Casa Mafalda deixou de ser a sede do time Autônomos e Autônomas FC e passou a ser um espaço sem ligação com o mesmo. Como este texto é resultado de uma formação e reflexão estabelecida no período em que não existia mais vínculo entre os dois coletivos, o texto não responde pelo Autônomos e Autônomas FC, mas somente pela Casa Mafalda.

□ caso

O espaço autônomo Casa Mafalda foi sede do time de futebol de várzea Autônomos e Autônomas FC. O time, fundado por punks e anarquistas, tinha um histórico de relação com o movimento autônomo libertário. Foi construído por pessoas que tinham em sua perspectiva a transformação social pelo futebol. A Casa Mafalda nasceu como um projeto do time. Seus objetivos eram não apenas ser a sede e um espaço de confraternização do time de futebol e de pessoas do movimento libertário, mas também um espaço para debate e formação política e cultural.

Em 2012, quando os dois coletivos compartilhavam a mesma história, achou-se necessário o debate sobre a possibilidade de constituir uma lista de princípios para o time de futebol e para o espaço autônomo.

Durante uma discussão em uma lista de e-mails, uma mulher declarou sentir que sua posição diante daquele debate estava sendo menosprezada pelo fato de ela ser mulher. Espaço e time foram então protagonistas de uma agressão machista: um homem do coletivo a agrediu verbalmente, e outros tantos reforçaram. Como consequência, essa mulher e outras pessoas em seu apoio retiraram-se da Casa Mafalda e houve um corte de relações com pessoas que faziam parte do Autônomos e Autônomas FC. A agressão foi denunciada em uma carta aberta e os fatos foram expostos de forma pública pela agredida.

Na ocasião, uma carta-resposta foi redigida e assinada por Autônomos e Autônomas FC e Casa Mafalda. Essa carta atribuía à agredida a responsabilidade por ter sofrido a agressão, além de deslegitimar de diversas formas sua denúncia. A carta foi veiculada por e-mail e via redes sociais, expondo a ela e sua irmã, e retirada do ar logo em seguida.

Diversas pessoas que compunham a Casa Mafalda e o Autônomos e Autônomas FC permaneceram publicamente em silêncio frente a agressão e a publicação da carta-resposta. Mais do que isso: os dois coletivos não mais se pronunciaram sobre o caso. Diante disso, ambos foram alvo de um escracho na Feira Anarquista de São Paulo de 2012, no qual se exigia a retratação pública e um posicionamento quanto ao caso.

Consequências

O tempo não apagou da memória a agressão ocorrida, o que até hoje leva pessoas a não se relacionarem com a Casa Mafalda e algumas delas a questionarem sobre como a Casa se posiciona hoje diante daquela agressão. Atualmente, o coletivo gestor da Casa entende que a política do esquecimento é algo que deve ser encarado como um problema a ser combatido.

Na reflexão sobre como deveria ocorrer a transição para um espaço autônomo independente do time da qual a Casa era sede, sentiu-se a necessidade de criar um grupo misto de formação e reflexão sobre questões de gênero. Mais do que uma necessidade, foi uma condição de existência para um espaço que se pretende libertário. Os encontros desse grupo têm como objetivo o estudo de textos sobre gênero e feminismo. A participação passou a ser um acordo mínimo para qualquer pessoa interessada em fazer parte da gestão. Esse combinado resultou na saída de quem não sentia afinidade com os interesses daquele coletivo em formação.

Nesse processo, a voz feminina e feminista dentro da Casa Mafalda passou a ter importância de fato. O número de mulheres na gestão da Casa começou a crescer. Era de se esperar que o número crescente de mulheres em um coletivo até então formado predominantemente por homens resultasse na mudança da rotina da Casa e na desestabilização de uma organização que até então reproduzia um comportamento androcêntrico. Houve uma crescente preocupação com o reconhecimento de como os papéis de gênero socialmente construídos delineiam a divisão de tarefas entre as pessoas da gestão da Casa.

O processo de organização de eventos em parceria com outros coletivos e pessoas também foi influenciado por essa construção, com a extensão da responsabilidade nos cuidados com o espaço a todas as pessoas responsáveis pela organização de cada evento proposto. Desde então, denúncias de agressões têm sido visibilizadas e há um maior cuidado para que a voz das mulheres presentes não seja

calada, interrompida ou tomada nos debates. Passou-se a pensar em possíveis ferramentas para lidar com casos de agressão, na tentativa de criar no coletivo e no espaço, cada vez mais, uma cultura de manutenção de um ambiente acolhedor a todos os tipos de corpos, orientações e papéis de gênero. Agressores que não se propuseram a reconhecer sua agressão e rever seus privilégios passaram a não ser mais bem-vindos na Casa.

Após quase um ano desse processo, agora com mais acúmulo e constante problematização sobre questões de gênero e feminismo, o coletivo sentiu a necessidade de reler e fazer uma avaliação das cartas que denunciaram a agressão de 2012 e a redigida em resposta.

Responsabilização e avaliação do processo

Como resultado desse processo, entendemos que ao longo de toda a sua vida, homens tiveram todos os espaços que quiseram, mistos ou estritamente masculinos. Uma consequência da dominação patriarcal também presente nos espaços políticos é que homens que não se vêem responsáveis por questionar esse privilégio continuam tendo acesso e frequentando esses espaços, enquanto mulheres continuamente se retiram por considerar que suas lutas não são contempladas e não há segurança ou mecanismos para coibir agressões de gênero, sejam machistas, sexistas, homo, lesbo ou transfóbicas.

No nosso caso, reconhecemos que a Casa Mafalda foi negligente com a agressão machista – foi responsável pela retirada da mulher agredida de um espaço autônomo dito libertário e pelo fortalecimento da lógica em que homens podem se eximir da crítica e autocrítica sobre seu papel nas relações de gênero.

Quando não há intenção de reflexão e ação por parte de quem detém os privilégios, a dominação masculina e a heterocisnormatividade se perpetuam. Diante disso, entendemos nossa responsabilidade por preservar os privilégios do agressor. Não bastasse o silêncio da Casa Mafalda, que poderia ter se posicionado junto à agredida, a tentativa de atribuir a responsabilidade a ela e deslegitimar sua defesa foi uma nova agressão em si, reproduziu o mesmo machismo que orientou a agressão inicial e a reafirmou.

A falta de posicionamento ou de qualquer reflexão e responsabilização provoca o afastamento de mulheres dos espaços autônomos e a abertura para permanência dos agressores. Tal permanência inevitavelmente se converte em benefício ao agressor.

Sabemos que a Casa Mafalda tem uma posição confortável por poder se responsabilizar quase dois anos depois da agressão ter sido cometida. No entanto, foi o tempo necessário para construir de fato ferramentas para compreender os antigos – e lidar com possíveis novos – casos de agressão machista, para criar, construir e

reconstruir relações de confiança interna e externamente.

Fomos machistas na agressão, no silêncio e nossas práticas foram irreflexivas. Apenas a partir do momento em que o coletivo reconheceu a necessidade de problematizar questões de gênero e se posicionar diante da agressão ocorrida é que esta responsabilização pôde deixar de ser superficial.

Vemos como essencial para a construção da Casa Mafalda, a criação de uma estrutura e mecanismos que possibilitem a identificação de práticas que perpetuam os papéis de gênero e a produção e reprodução do patriarcado e da heterocisnormatividade. As pessoas de todos os gêneros envolvidas na construção permanente do coletivo hoje, têm consciência da importância e se esforçam para concretizar tais mecanismos. Há a preocupação com a reflexão sobre as ações que possam colocar em risco ou submeter as pessoas a algum tipo de opressão. Acreditamos que o papel de qualquer espaço que se reivindique libertário é o de ser um lugar de desconstrução das estruturas de poder.

Além de nos responsabilizarmos com esta carta, esperamos contribuir com o processo de reflexão e construção de espaços e coletivos autônomos e libertários que se preocupem de fato em desenvolver ferramentas para combater cotidianamente as opressões de gênero. Tais ferramentas parecem ser fundamentais na tentativa de impedir e combater opressões.

Este texto foi construído coletivamente a partir de um processo de responsabilização dos homens presentes na gestão do espaço à época da agressão que seguem fazendo parte dele hoje, e é assinado por todo o coletivo misto atualmente gestor da Casa Mafalda.

O grupo de estudos de organizações populares autônomas

e algumas possíveis contribuições para a gestão de um espaço autônomo

Por Zé Almeida - 19/04/2014

No início de 2013 foi formado na Casa Mafalda um grupo dedicado ao estudo de organizações políticas, considerando principalmente movimentos populares e autônomos. Um dos objetivos da criação do grupo foi suprir a necessidade de levantar e conhecer experiências, problemas e soluções pelos quais outros coletivos já tinham passado, buscando atalhos que ajudassem na organização da Casa Mafalda e evitando a desnecessária reinvenção da roda. Ao longo do ano, a perspectiva de estudos foi além das organizações políticas em seu sentido institucional – embora não se tenha deixado de estudá-las, sempre com o foco em formas horizontais e autônomas de organização. O grupo de estudos foi aberto e teve a participação de alguns membros do coletivo responsável pela gestão da Casa e de outras pessoas que se interessaram pelas discussões a partir da divulgação feita por diversos meios. O caráter aberto do grupo garantiu a riqueza dos pontos de vista apresentados sobre os textos. A intenção deste texto é levantar algumas impressões sobre elementos que entendemos como importantes para a organização da Casa e que têm aos poucos sendo incorporados às práticas da gestão do espaço a partir dos estudos realizados por esse grupo.

A primeira impressão que veio, já no primeiro encontro do grupo, em que foi estudada a apresentação da Organização Anarquista Terra e Liberdade, foi que existem mecanismos para evitar que uma organização perca de vista sua proposta inicial. O estabelecimento de princípios, adotados como um norte e não como uma regra, é um desses mecanismos. Esse tema dialoga diretamente com a gestão da Casa Mafalda. Ao longo dos últimos anos, muitas pessoas relacionadas com esse espaço já haviam apontado para a necessidade de se estabelecer uma pequena lista de princípios sob o intuito não de engessar a organização, mas de tentar garantir um acordo sobre elementos fundamentais para garantir a coesão do grupo e para manter no horizonte os objetivos idealizados na criação do espaço. Outros textos, como “Movimentos sociais, burocratização e poder popular” de Felipe Corrêa, “A tirania das organizações sem estrutura” de Jo Freeman e uma conversa com pessoas do coletivo Ativismo ABC fortaleceram a importância de se estabelecer princípios para garantir a coesão da organização. Atualmente, o coletivo que gere a Casa Mafalda vem dedicando parte de seu tempo para estruturar com clareza uma lista de princípios que seja um

denominador comum a todos os seus membros.

Outra impressão também referida aos estudos foi a da necessidade de criação de estruturas e mecanismos para impedir o desenvolvimento de dinâmicas internas ao coletivo que perpetuem opressões e que produzam hierarquias, privilégios e burocracias. Os textos de Jo Freeman, de Pierre Clastres, “Abandone o ativismo” da Coleção Baderna e o de Felipe Corrêa apontam para essa reflexão, sendo que este último inclusive apresenta uma proposta bem esquemática, com tabelas e diagramas. Uma divisão de tarefas sem alguns cuidados, por exemplo, pode ser fértil apenas para se estabelecer hierarquias e privilégios indesejáveis, fazendo com que uma especialização (como conhecer mais sobre um determinado assunto, ter mais habilidade com a execução de uma tarefa ou possuir mais recursos do que outros e outras para se atingir um determinado objetivo) se torne não apenas um espécie de profissionalização, mas vá além, dando um status diferenciado a uma pessoa do coletivo a ponto de perturbar a horizontalidade do grupo. Como a Casa Mafalda já vivenciou uma situação com esses elementos, hoje há uma atenção especial para que as tarefas sejam cuidadosamente divididas, principalmente no que diz respeito a práticas socialmente assinaladas a um gênero ou outro.

Outra reflexão trazida pelos estudos diz respeito à importância da pluralidade política e de pontos de vista para a construção de novas práticas que visem à criação de poder popular e a transformação social. Textos como o de David Graeber, “Algumas ideias sobre rumos de pensamentos e organização”, e de Wilson Neto, sobre o EZLN, sugerem como a partir do conhecimento de outras culturas e vivências é possível não apenas reconhecer práticas já valorizadas pelos movimentos populares (como a tomada de decisão por consenso, recorrente em povos que tiveram pouco contato com a cultura do Ocidente), mas também perceber contradições quando se reproduz uma determinada opressão mesmo que de forma inconsciente (como apontam os membros do EZLN norteados pela literatura acadêmica, que reconheceram na diversidade das comunidades indígenas uma visão de mundo diferente, mas não menos revolucionária). Tal reflexão contribui para o debate de como a diversidade pode ser incorporada efetivamente às organizações ditas populares que têm a perspectiva de reconhecer nas diferenças um potencial transformador.

Cada participante do grupo provavelmente teve uma reflexão diferente sobre os estudos. É pouco provável que todos elenquem percepções iguais às aqui colocadas, pois cada história pessoal ajuda a determinar como se vê o mundo, com olhares diferentes. Ainda assim, acreditamos que membros de coletivos em contínua formação, como a Casa Mafalda, em algum momento e algum grau se deparam com dificuldades e contradições impostas por circunstâncias que são comuns a qualquer organização – como hierarquias espontâneas e a contradição de se manter financeiramente um espaço anticapitalista. Nossa intenção com este texto não é dizer como cada coletivo

deve se comportar ou se preparar para lidar com tais circunstâncias, mas apenas relatar de forma breve como percebemos que nossos estudos dialogam com nossa prática enquanto coletivo gestor de um espaço autônomo. O estudo de organizações ou movimentos que tenham o mesmo caráter – no caso da Casa Mafalda, espaços autônomos e autogeridos – pode colocar na perspectiva de nosso grupo de estudos leituras que talvez contribuam com questões específicas à natureza de nossa organização.



Pintura das paredes da Casa Mafalda em sua inauguração. (07/08/2011)

A questão de gênero e a esquerda: a experiência da Casa Mafalda

Por mulheres que participam do coletivo gestor da Casa Mafalda - 19/04/2014

Comumente, a questão de gênero é silenciada ou até mesmo negada pelas organizações de esquerda. A justificativa encontrada para isso muitas vezes é: somos de esquerda, portanto não somos machistas.

Só que não. Ser de esquerda não te exime por completo de todas as referências que te foram impregnadas desde o seu nascimento. A partir do momento em que se diz: é meninao se coloca sobre este indivíduo, que ainda nem chegou ao mundo tudo que se espera delae. Só depois de muitas vivências reproduzindo essa lógica na qual se insere antes mesmo do nascimento é que se torna de esquerda ou de direita ou não se torna nada mais do que aquele ser meramente reprodutor do mundo-como-ele-é (ou seja, de direita sem saber, já que nunca se pensou que poderia ser diferente).

Portanto, ser de esquerda é uma posição política, assim como ser feminista. Não se livra de tantos anos de entendimento do mundo sobre o capitalismo e o patriarcado assim, de uma hora para outra, assim como não se muda posturas que te tornam machistas também de uma hora para outra.

Não é uma condição natural dos indivíduos de esquerda ser feminista, assim como não é condição natural da mulher também. Do mesmo jeito como não se nasce mulher, torna-se, como já diria Simone de Beauvoir, também não se nasce feminista, torna-se. Da mesma forma como não se nasce de esquerda. E se é assim, com nós mulheres, porque seria diferente com os homens?

Talvez eles acreditem nesta falácia que relaciona diretamente ser de esquerda com o feminismo, pois eles normalmente diante do seu privilégio, não conseguem enxergar todas as implicações do machismo em suas práticas pessoais e políticas. Nesse sentido, não agredir sua companheira já seria para eles sinônimo de não-machismo. Mas não podemos nos limitar a isso. O machismo dá-se por inúmeras vias e mesmo num relacionamento que se pretende libertário é preciso estar sempre alerta para tais práticas, tais tratamentos, que a opressão acontece de inúmeras formas, que agressão não é só física, que ela pode ser psicológica também, etc.

Por isso, construir espaços de convivência que tentem romper com essa lógica patriarcal, na qual a sociedade está estruturada é muito difícil! Exemplo disso é o processo pelo qual a Casa Mafalda vem passando desde 2012. Processo que se iniciou com uma questão de gênero e que vem se desdobrando em inúmeras ações e

discussões sobre o tema.

Acontece que este processo começou a se desenrolar de maneira bastante atabalhoada. Atabalhoada porque o episódio que lhe serviu de estopim, por mais polêmico que possa ter sido, teve inegáveis elementos de opressão de gênero, que se deu toda num âmbito virtual e que teve desdobramentos extremamente desastrosos.

Mas, foi ali, depois daquele episódio, que o assunto começou a ser enxergado com mais seriedade. Por incrível que pareça. É claro que o assunto dividiu opiniões, é claro que algumas pessoas defendiam os caras, ninguém defendia as meninas, que quase nenhuma mulher foi ouvida naquela ocasião – só depois que a “merda” estava feita fomos chamadas pra conversar. E o mais incrível, num primeiro momento é que fomos chamadas pra conversar para nos posicionarmos do lado dos caras. Mas como, se o caso foi de uma agressão de gênero?

O fato é que sim, claramente foi uma questão séria de gênero, mas que poderia ter sido resolvida de outra forma. Tentamos diálogo com os dois lados da questão e não conseguimos. Fomos tidas como submissas, como machistas, como traidoras até.

Mas foi ali que tudo começou para nós, mulheres. Pois antes era difícil nos posicionarmos como parte integrante do grupo. Antes éramos loucas. Antes não éramos bem vistas jogando futebol com eles. Antes éramos “apenas” suas namoradas. Hoje somos nós. Poucas, mas com voz.

Mas por que nós, mulheres, tivemos a opção de permanecer no coletivo, tencionando a questão de gênero? Porque as mulheres que ficaram na Casa, o fizeram principalmente por acreditar que um mundo com relações livres de opressão deve ser composto por homens e mulheres. E que os homens precisam entender onde está o erro. Porque determinadas atitudes oprimem. Claro que não queremos “salvar” ninguém, mas caminhar juntas na mesma direção.

Hoje, estamos nesse processo. Longo, mas no qual existe uma abertura imensa dos companheiros de nos ouvir, de nos entender, de nos apoiar, de caminhar junto. Recentemente tivemos um novo caso de agressão e a postura foi totalmente outra. Tiramos o cara da Casa para não constranger a companheira. Tentamos dialogar para problematizar o ocorrido, mas o cara em questão não entendeu sua ação como uma agressão, diante disso pedimos para que ele não voltasse mais nem participasse das atividades da Casa.

Isso não significa nem de longe que as questões de gênero foram sanadas e que o coletivo se encontra às mil maravilhas com as mulheres. Muito pelo contrário.

No entanto, muitas discussões estão em andamento algumas levadas a sério, outras não (ou não por todos). E desde aquele episódio fatídico, muitas mulheres saíram da gestão da Casa por desgaste, por não aguentar a discussão, por outras questões pessoais.

Hoje temos um grupo de formação sobre gênero. Levantado como necessidade pelos caras que querem entender mais sobre a questão. E é bonito ver nossos esforços repercutirem na nossa rotina. Nos sentimos orgulhosas da rede de apoio e solidariedade que viemos construindo.

Nos deixa feliz olhar essa nossa caminhada. E nos faz lembrar da importância das microrrevoluções e ação direta, para que enfim consigamos construir um espaço – ou um mundo, porque não? – livre de opressões de todos os tipos.

Mas sigamos em frente porque o caminho é longo...

Breve história da gestão da Casa Mafalda:

desdobramentos da divisão de trabalho em uma organização sem estrutura

Por Coletivo gestor da Casa Mafalda - 17/01/2014

Reconhecemos quatro momentos na história da Casa Mafalda, caracterizados pelas mudanças de objetivos, demandas e interesses que permearam as relações ao longo desses dois anos entre o time Autônomos & Autônomas FC e o grupo de pessoas que se responsabilizaram pela gestão da Casa. Segue um relato sobre esses quatro momentos, finalizando com uma análise crítica pontuando algumas sugestões e encaminhamentos que talvez interessem a outras organizações, pensando em contribuir para o debate sobre como garantir a integridade de um coletivo autônomo que se pretende horizontal.

Primeiro momento: a divisão do trabalho

A Casa nasceu com a identidade de uma sede de um time de futebol amador, cujos jogadores dividiam entre si tarefas pontuais e claras, como dar conta das festas para arrecadar o valor referente ao aluguel e às dívidas adquiridas na compra do ponto. O ponto comercial adquirido era – antes de ser passado ao time – uma balada, uma casa para festas e shows que, mesmo após essa mudança, não perdeu o seu caráter, mas sim passou a ser também sede do Auto. Claro que houve ajustes na organização das festas, a fim de adequar a cultura herdada com a aquisição do ponto a alguns princípios do time, como o de autogestão e horizontalidade. Obviamente algumas pessoas se envolviam mais que outras por conta da disponibilidade de tempo e, de forma quase imperceptível, por interesses diferentes. As demandas eram pontuais e os objetivos forçadamente traçados – pagar dívidas – eram atingidos com esforço. No entanto, o local não era uma mera sede de um time de futebol. Na Casa ocorriam também eventos de formação e divulgação política e cultural, que refletiam o interesse de alguns membros do time. Dessa maneira, com o passar do tempo esse tipo de atividade passou a ter menor atenção do que outras que visavam o pagamento das dívidas.

Depois de meses, um grupo de pessoas passou a se reconhecer como gestão da Casa, dada a repetida ausência (a princípio justificada) de grande parte do time nos fóruns de decisão e encaminhamentos. Nesse instante, instituiu-se uma divisão clara de tarefas: pessoas que cuidariam dos aspectos burocráticos da Casa se distinguiam dos colaboradores. Aos poucos se incorporaram à gestão pessoas que não faziam parte do time, que se interessavam pela proposta política da Casa. Apesar de a gestão ser aberta, eram sempre as mesmas pessoas a participar de suas reuniões. A constituição

desse grupo gestor era legítima: afinal, organizar um espaço autônomo depende de reconhecer problemas que não se resolveriam por si só. O time e a gestão repetiam como num mantra que, uma vez quitadas as dívidas, os dias seriam melhores e se poderia voltar a fazer as atividades idealizadas no início, já que as demandas que nos eram impostas pelo contexto – pagar dívidas – não se sobreporiam mais aos objetivos do time e da gestão.

Segundo momento: da lama ao caos

Quando descobriu-se que o piso da Casa era tão firme quanto um mangue, obrigando o abandono do espaço, houve a necessidade da busca de outro lugar, e o contexto em que se dava a construção da Casa mudou bruscamente, embora a demanda permanecesse a mesma. Adquiriam-se novas dívidas para entregar a Casa antiga à imobiliária e mudava-se para uma Casa muito mais adequada para uma família do que para uma balada, uma vez que a vizinhança e o hospital em frente impossibilitavam eventos com som intenso varando a madrugada. Concluiu-se não ser mais possível levar a Casa no mesmo ritmo: seriam realizados menos shows e festas – o que para alguns era positivo, pois haveria mais espaço para os eventos de formação e divulgação político-cultural. Nesse ponto, pôde-se reconhecer uma redução no número de pessoas comprometidas com a manutenção da Casa. O primeiro indício veio com a mudança e a entrega da Casa antiga, realizadas estritamente por algumas das pessoas que se reconheciam enquanto gestão; a expectativa (não correspondida) era de que duas tarefas tão grandes fossem bancadas por um número maior de pessoas – afinal, se o espaço era sede de um time de futebol, seus jogadores deveriam demonstrar que eram responsáveis por ele. O segundo indício veio provavelmente com a mudança do caráter dos eventos. Aconteciam menos festas ao mesmo tempo em que menos pessoas se responsabilizavam por dar suporte a elas. A discussão sobre objetivos da Casa passou a se tornar frequente, embora esses objetivos nunca tivessem sido claramente traçados nem pelo time nem pela gestão em seu passado.

As demandas – pagar dívidas – eram praticamente as mesmas, mas o contexto mudara radicalmente: a gestão, constituída legitimamente enquanto grupo responsável por tocar a Casa e que, embora aberta, nunca teve participação rotativa de todos os envolvidos com time e Casa Mafalda, ao longo do tempo teve que lidar com situações diferentes, desenvolvendo práticas distintas e gerando novas demandas, que obviamente não refletiam mais a totalidade das aspirações do time. Todos esses elementos só fizeram crescer a identidade do grupo instituído como gestão e consolidá-lo como corpo autônomo dentro de uma estrutura dita horizontal. Aquela Casa, que em seu passado expressava práticas muito mais afins com uma sede de um time de futebol, passou a ser cada vez mais ocupada pela gestão que, talvez por se apegar mais ao espaço após a primeira fase, se apropriava mais de suas potencialidades,

passando a desenvolver atividades que obviamente correspondiam mais aos seus interesses do que aos do time. Como consequência, a sede do Auto perdeu terreno para um espaço autônomo de formação e divulgação político-cultural, embora as duas propostas coexistissem e fossem praticadas sem qualquer conflito aparente.

Terceiro momento: quando Eco e Narciso se encontram (?)

Uma série de debates internos reforçavam cada vez mais as diferenças dos objetivos das pessoas que participavam da gestão com os do time, e o não reconhecimento de um grupo no outro. Neste ponto, é preciso ser justo: havia pessoas que se esforçavam por dar elo aos grupos, buscando criar situações de convívio e ajuda mútua. Outras pessoas sentiam que o sentido daquele desenrolar não era bom e por isso se engajaram para transformar em objetivo de curto prazo por fim as diferenças entre gestão e time. No entanto, embora alguns reconhecessem essa necessidade, eram realmente poucos os que de fato praticavam ações a fim de estreitar os laços e seria irreal dizer que a maioria das pessoas da Casa aderiram a esse objetivo.

Numa tentativa de reconciliação e definição de objetivos comuns aos dois grupos, os comprometidos com o “deixa disso” propuseram um evento de integração, uma reunião em que compareceram mais de trinta pessoas do time, da gestão e, portanto, da Casa. Um suspiro de esperança nascia e o diálogo parecia ter-se instaurado novamente sem nenhum entrave. Teve-se a impressão de que seria possível buscar um denominador comum e reestreitar os laços entre todas e todos, deixar as diferenças de lado e voltar a uma prática que sintetizasse os interesses da gestão e do time, portanto da Casa. As perspectivas que já eram boas iam ficando cada vez melhores: as dívidas com banco e imobiliária tinham acabado (embora a dívida com pessoas ligadas à gestão e ao time permanecesse). A trégua não vinha apenas das demandas da política interna, mas também das demandas financeiras.

Nessa mesma época, dois jogadores foram acusados de agressão machista por uma mulher que se incorporara ao time no decorrer de 2012. Uma carta foi escrita por ela denunciando a agressão e equivocadamente respondida pelo time e Casa. O conflito teve um desenrolar que merece ser detalhado em outra oportunidade. O que importa é que uma nova desavença política e ideológica se instituía e novas diferenças se reconheciam. Na pluralidade de opiniões que surgiram, é difícil traçar uma divisória entre grupos; grosso modo, alguns indivíduos minimizavam o fato e a acusação de agressão, ao mesmo tempo em que esvaziavam qualquer debate; outros se recusavam a minimizar o ocorrido e se propunha a refletir além do que já tinha sido discutido. Apesar de ser forçado a concentrar em dois campos todas as impressões e posições quanto ao caso, o fato é que as diferenças de opinião acabaram segregando ainda mais os dois grupos que já estavam formados, no caso time e gestão. Os debates desgastaram as

relações, os canais de diálogo foram se tornando cada vez mais etéreos. Estigmas em série passaram a ser produzidos e acusações mútuas foram trocadas entre pessoas que se reconheciam pertencentes a cada um dos grupos. O debate intenso parecia tê-los transformado em dois corpos irreconciliáveis, matéria e antimatéria. Como consequência desse episódio, um montante expressivo de pessoas se afastou do time e da gestão. Algumas possibilidades: os mais distantes da realidade da Casa não tinham o menor interesse em conhecer de perto o que estava se passando entre os coletivos envolvidos, bastava ouvir falar do caso para cortar laços. Os mais próximos se desgastaram com a intensidade do debate a ponto de não reconhecerem mais o potencial da Casa em atingir qualquer objetivo que tenha sido traçado até então.

A divergência ideológica em torno da questão de machismo marcou ainda mais as diferenças entre gestão e time. Mais do que nunca a identidade daquele grupo gestor estava demarcada. O que parecia ser o encontro entre Eco e Narciso tornou-se a consolidação do desencontro ideológico naquele espaço.

Quarto momento: da prestação de serviços

Ao final desse processo, quando veio a calmaria, percebeu-se que, mesmo com dívidas reduzidas a aluguel e conta de água, shows e festas (cultura herdada da sede antiga) não estavam sendo suficientes para quitá-las. Com urgência buscou-se uma solução para a Casa não acabar. Uma nova reunião foi convocada, a gestão levou o problema e algumas ideias, mas aparentemente a responsabilidade de resolvê-lo era mais uma tarefa para alguns. Foi posta em prática uma das ideias levantadas: um sistema de financiamento por “sócios” que se comprometeriam com uma ajuda mensal para se pagar o aluguel. Funcionou, e parte do time contribuía financeiramente com a existência da Casa assim como já vinha contribuindo há tempos, principalmente quando as contas não fechavam e precisava-se de doações para pagar as contas. A contribuição financeira foi formalizada.

Quando os tão esperados dias melhores chegaram e as contas pareciam ser pagas em um passe de mágica, sem a necessidade de realização de eventos em todos os finais de semana buscando desesperadamente pagar o aluguel, a gestão se reduziu a quatro pessoas. O desgaste decorrente dos conflitos ideológicos mostrava seus efeitos. Agora a Casa era gerida por duas pessoas que jogavam no time e outras duas que não jogavam. Com o passar do tempo, novas pessoas se agregaram e algumas antigas retornaram. Desde então, com uma perspectiva muito diferente da primeira fase, a Casa passou a ser gerida principalmente por pessoas que não jogam no time e que têm interesse em utilizar a Casa como canal de formação e divulgação político-cultural. Apesar de o convívio no espaço (gerido por esse grupo) com o time (que se absteve de tomar decisões ao longo de todo o tempo e instituiu essa tarefa como

responsabilidade de um grupo rígido de pessoas) estar sendo cordial, havia um nítido afastamento, por parte do time, das responsabilidades burocráticas e da proposta político-cultural intencionada por membros da gestão, que teve que se apropriar do espaço a fim de mantê-lo a partir das demandas impostas e fazê-lo produtor, a ponto de ter que delinear seus objetivos para organizá-lo efetivamente. Esse contexto foi obviamente construído de forma espontânea e não intencional ao longo da história da Casa, e foi resultado das práticas e dos discursos de todas as pessoas envolvidas nas disputas políticas e ideológicas ao longo dessa história, reconhecendo-as ou não. Os canais de diálogo acabaram sendo basicamente informais entre os dois grupos, a ponto de hoje a Casa Mafalda e Auto terem se dividido, em comum acordo, em dois coletivos que não compartilham mais nenhuma responsabilidade.

A análise dos fatos ocorridos ao longo desses dois anos de Casa Mafalda aponta o efeito da divisão de tarefas no coletivo: a produção de uma identidade de um grupo que se reconhece como diferente do restante do coletivo, estruturada pela afinidade de seus membros e consolidada por tal divisão. Tal separação foi justificada e reconhecida ao longo de todo o processo pela absoluta maioria dos envolvidos, embora os efeitos da institucionalização do grupo gestor tenha sido recorrentemente menosprezado por todas e todos. Acreditamos que isso não teria acontecido se no lugar da divisão de tarefas fosse combinada uma rotação das tarefas. Claro que é difícil para alguns conciliar a vida privada com reuniões periódicas, assim como garantir que a troca de informações seja circulada de modo a garantir que todos e todas estejam a par de todos os encaminhamentos. Ainda assim, acreditamos que coletivos que se pretendem horizontais devem garantir a existência de mecanismos que impeçam a institucionalização espontânea de grupos de afinidade a fim de coibir rachas, tão comuns entre coletivos.

Cursos livres

30 jan 2013

Contexto

Uma das principais preocupações e grande desejo de algumas das pessoas envolvidas com a gestão do Espaço Autônomo Casa Mafalda foi, a exemplo de experiências libertárias conhecidas por nós, foi criar vínculos entre a Casa e a comunidade da Lapa (bairro em que está localizada, em São Paulo); criar um espaço em que poderiam ser estabelecidas relações diferentes das ditadas pela rotina imposta pela metrópole, criar um laboratório de vivências e práticas alternativas às do cotidiano ditado pelo capital, livres de opressões e repressões das mais diversas ordens. Nossa ideia foi oferecer um espaço para comunidade lapeana e de toda a cidade auto organizar seus eventos e atividades.

Quando o coletivo percebeu que grande parte das pessoas envolvidas em sua gestão eram educadores (pedagogos, professores de ensino fundamental e médio, de cursinhos pré-vestibular), parecia mais do que natural juntar esforços para propor cursos de tema de nosso interesse e voltados para a população do bairro. Era a oportunidade de integrar a Casa Mafalda, que na época já havia completado seu primeiro ano, à comunidade que vive ao seu redor.

Proposta

Assim surgiu o Curso Livre Casa Mafalda, aberto pra quem quisesse oferecer oportunidades de aprendizagem, participando como professor ou como aluno. Seria meio cursinho, meio grupo de estudos, meio oficina, meio curso de formação, trazendo em si um pouco das várias experiências educacionais das pessoas envolvidas. Um espaço aberto e gratuito pra quem se interessasse em saber mais sobre o bairro, a cidade, o mundo, estivesse procurando um reforço, quisesse uma ajuda em temas do vestibular ou procurando um reforço pras matérias da escola. Foram oferecidos ao todo 33 encontros em horários diversos, abordando 30 temas diferentes.

Dificuldades encontradas

Poucas pessoas compareceram aos encontros e grande parte dele teve nem sequer uma pessoa interessada presente – embora tivéssemos recebido mensagens de pessoas interessadas em participar. Acreditamos que os motivos possíveis foram:

- a divulgação foi feita com poucas semanas de antecedência. Deve ser feita com

mais tempo e buscando atingir um número maior de pessoas. Foi difícil acessar as escolas do bairro por conta da burocracia das instituições de ensino municipal e estadual: isso impossibilitou a distribuição dos panfletos de divulgação dos cursos para o público jovem.

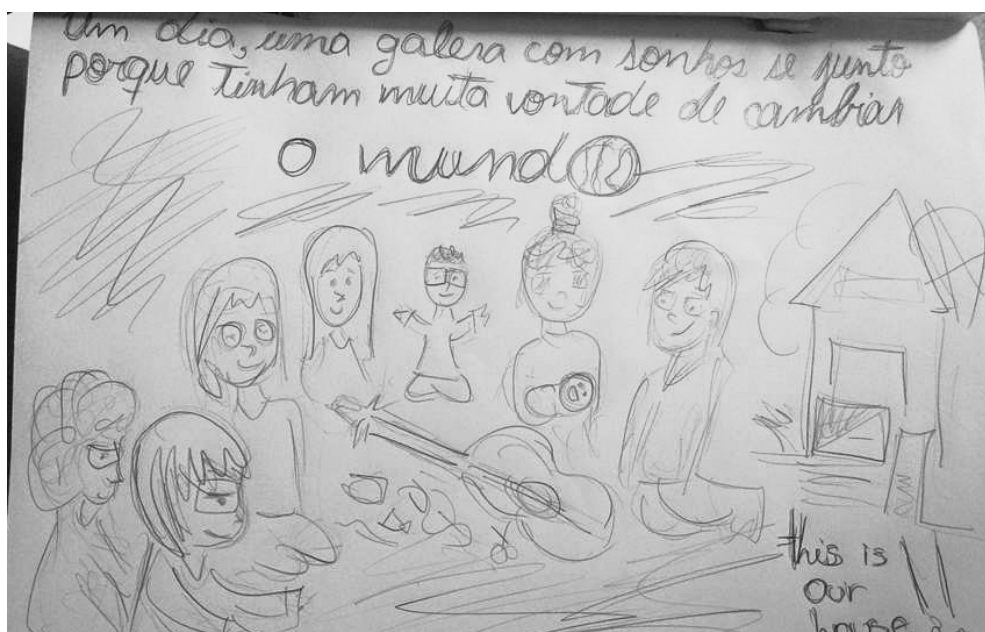
- embora a oferta de horários tenha sido ampla, as pessoas deixaram de comparecer. Talvez os horários não tenham sido tão acessíveis como pensávamos.

- pessoas do bairro foram atraídas pela divulgação feita na fachada da Casa. Perguntaram por temas como de costura (e música, é verdade?), o que não estavam sendo oferecidos naquela oportunidade. É possível que seja necessário também pensar em temas diferentes, que sejam de maior interesse da comunidade, além de investir em uma divulgação mais eficiente.

Avanços

Avaliamos que a criação do Curso mobilizou pessoas que anteriormente não estavam envolvidas com a gestão da Casa Mafalda, reforçando de certa forma a ideia de que o espaço é aberto e que outras atividades podem ser nele realizadas. Foi uma experiência curta, de dezoito dias, embora a todo o momento encarada como um protótipo de um futuro curso livre mais duradouro e melhor elaborado, a ser pensado com mais calma, cuidado, divulgação e organização, em 2013.

Programação do Curso Livre Casa Mafalda 2012: <http://www.autonomosfc.com.br/curso-livre>



Desenho da estudante Ivanna do Cursinho Livre da Lapa, projeto que teve seu embrião na ideia dos Cursos Livres da Casa Mafalda.

Casa Mafalda - o livro

Por Leandro Lamin - 27/10/2011

Um novo Carbono 14? A nova Madame Satã, a versão novaseculista do Lira Paulistana? O que afinal passava pela cabeça do grupo enorme de jogadores de futebol e músicos que pegaram para si o terreno de duas casas geminadas logo acima de uma lotérica?

E afinal, aquilo foi uma loteria? Golpe de sorte, de riqueza? Esforço hercúleo em nome de um sonho? Mas que sonho? Musical, futebolístico? Afinal, o que moveu esse empreendimento insano? Empreendimento? Foi apenas intuição ou há algo pensante nesse miolo de duas cores e muitas faces?

Uma São Paulo pintada pelo amarelo-azul fugitivo e desesperado, rigoroso, de Kassab, Alckmin e dinastia ilimitada. Uma cidade que acabara de perder Redson, que há mais de 20 anos lutava contra o estabelecido, sem farda e com letras coléricas. O cenário, a tal da cena, punk, anarquista, o que seja – e o que quer que seja, o que há de ser aos olhos paulistanos e, sobretudo, dos paulistanos, cujo domingo e a quarta-feira são distinguíveis, mas o punk do fascista nem tanto?

Para fazer o devido mapeamento da história, seria preciso mil passos atrás, e esta não é a proposta inicial destas letras. A história do Autônomos FC já é longa e abrangente demais, o suficiente para um livro só seu e que, ao ser feito, dará início a outras incontáveis histórias que a ela se atrela. Afinal, antes do Auto, já havia vida, já havia Danilo Mandioca e seus experimentos de vida, de Hermanos de Pelé, de Fora de Jogo.

E, vamos ser sinceros, como explicar sem uma tinta irônico-absurdíssima o fato de mais de 40 homens que jogam futebol de várzea irem pra Inglaterra, montarem um time feminino, outro infantil, organizarem atividades e parcerias variadas para o bem do futebol, dos sem-teto, dos sem-nada e muito mais, fazerem tudo isso com a prerrogativa da igualdade, da não-hierarquia, e, para completar, decidirem ter uma casa noturna, e, incrível, de fato terem? Casa noturna? Espaço cultural? Com biblioteca, novos parceiros e política quase única de uso da casa? Épa, quem são vocês? Levem-me ao seu líder! Líder, que líder?

A soma das experiências de vida de boa parte dessa matilha deu a alma do espaço. A ida à Inglaterra, a convivência em um squat típico, a atenção para aprender com cada detalhe, o planejamento criterioso e a árdua tarefa de nunca se perder do conceito inicial, que é o de autogestão, “do it yourself”, parte punk, parte anarco, parte de algo que não se tem nome nem se quantifica, posto que é vivência coletiva em uma

cidade única, de um grupo único que faz todo esse experimento com microfone, livro e chuteira ganhar um fim prático. Um grupo absolutamente plural, cheio de diferenças, ou mais que isso, oponentes ferozes de maneiras de olhar o mundo. O coletivo do Auto se estabeleceu na diferença, trouxe muito a várzea para o punk, um pouco do punk para a várzea, salpicou com Europa, com o punk do ABC, este de uma riqueza diferente posto que nasceu junto da expansão espacial da região – e do sindicalismo. Bom, tudo isso para nada, pois não é possível definir o Autônomos enquanto coletivo. Queriam o Espaço Impróprio. Não deu. O sonho já existia e comia o estômago de cada um. A Fábrica Lapa virou, enfim, a Casa Mafalda.

Como? Mas, como? As mães dos meninos se perguntavam, e outra parte não entendia nem queria entender. Primos, amigos, imaginavam ser um aluguel de uma garagem qualquer, um almoxarifado pra guardar uniformes e fumar maconha longe das câmeras. De fato era um plano subestimável. Quem não subestimava, podia apostar que os mafaldinos eram ricos. Cheios da grana, só pode ser. Não são. E ainda que fossem, não seria pautado nisso que a Casa Mafalda nasceria.

Os detalhes da aquisição são longos, chatos e ainda não acabaram. Fiadores, contratos disso e daquilo, aluguel daquilo outro, adiantamentos, vaquinhas online, festa pra arrecadar reais aqui e ali, empréstimo bancário, correrias e uma luta que na verdade não tem fim. A capital mundial da especulação imobiliária não permite que ninguém durma neste barulho. Mas os meninos do Autônomos já sabem disso e chutaram a leviandade.

Na festa de inauguração, os muros foram pintados. O Muralismo Libertário, um dos tantos parceiros, de tantas cidades, que fez. A casa, que tem um formato parecido com uma letra U (que vem de duas casas que lembram a letra L), ganhou um corredor para a parte da burocracia, escritório, estoque e cozinha onde, na estreia, era o bazar. No outro corredor, sim, o dito bazar, a sala de TV, a cozinha, a área ao ar livre para fumantes. No elo dos dois corredores, um grande salão de chão azul e fitas no chão emulando um campo de futebol. À parte desse U, tal qual um acento agudo (e muito agudo!), uma outra salinha, vizinha de um outro banheiro, apelidado de pronto, pela pouca luz inclusive, de Setor Love. Tudo isso num segundo andar, onde, ao subir às escadas de acesso, escolhe-se entre a porta à direita e à esquerda.

Entrando pela esquerda, você acha tudo isso citado acima. Indo pelo outro lado, você está dentro de um estúdio de música. A cereja do bolo, outra fonte de renda e de sonhos, local para se isolar e fazer seu som, distorcido ou não, bom ou não, punk ou não.

A alegria dos mafaldinos na abertura da casa chegava a ser aflitiva. Perguntavam-se, falando sozinhos, “que lugar é esse? Meu deus, o que é isso?”. Outro passava por trás cochichando para si mesmo, “que lugar foda, que lugar foda”. Não

havia precedentes na vida de nenhum deles. Era basicamente tudo que eles sempre quiseram mas não sabiam muito bem disso. Os rubro-negros não estavam alucinados, mas embasbacados.

Havia um certo receio de levar um parente ou um par para a Mafalda e ela não gostar do ambiente, se importar com algum aspecto, acha-lo sujo, cafona, futebolístico demais. Isso foi caindo por terra desde então, a cada visita teoricamente fora do padrão, mas que se entenece e curte de algum jeito algum dos espaços do nosso grande Ú anti-racista, anti-sexista e anti-facista. Os Autônomos se amontoam na cozinha, causam um congestionamento. Local mais iluminado e agradável, cheio de pequenas e coloridas informações, base de toda cerveja gelada da Rua Clélia, é lá que todos riem e falam, excitados, ao mesmo tempo. Fazem da noite inaugural uma ode a eles mesmos, permitem-se um pouco de egoísmo numa casa que nasceu para ser de todos os que por ela zelam.

É importante frisar que, desde a existência da Casa Mafalda, os resultados rubro-negros em campo melhoraram, e muito. A cerveja e a boemia nunca serão culpadas solitárias do fracasso de ninguém. A tristeza e o tédio também fazem qualquer sujeito perder o jogo, o trabalho e a namorada. Democracia Corintiana nos aplaudiria.

Leandro, o capitão-coração, cria involuntariamente, sem motivo aparente nem nenhum tipo de premeditação, um grito agudo e rouco que logo vira um hit da casa. Tudo chefiado por uma trinca de formadores de opinião mais que subversiva: absolutamente hilária. Davi, Sema e Toro formam a santíssima trindade da diversão pela diversão, são os punks do humor. Davi é um exímio imitador, não exatamente pela voz, mas pelos detalhes que consegue captar, na fala, trejeitos e pensamentos dos homenageados. Já Sema é veloz em comentários brilhantes e pouco ortodoxos acerca de tudo, e sempre baseado na teoria estética de Chaves, Hermes e Homer, a sua trindade santa particular. Toro, com sua voz de trovão e seus gestos vomitantemente ansiosos, é outro que não perde a piada, entre imitações de Sílvio Santos do Hermes e discursos inflamados sobre o que estiver falando. Ele é inflamado até para dar bom dia.

Mandioca sorri muito e fala pouco, diferente daquele tenso garoto dentro de campo. Anda sem parar pela casa. Ganso é quase a onipresença. Renatinho, com sua discrição, tal qual Zé Colméia (o nosso, não o do desenho) está sempre atento para alguma bronca da casa. Há também o casal 20 da Casa. Casal 20 centímetros, no caso. Felipe, o pofexô dos niggas, separou-se da mulher e ganhou guarida dentro da Mafalda. Natália, que veio do Sul para namorar Danilo Mandioca, seguiu no time mesmo quando o romance pisou no freio. Os dois, então, foram os primeiros moradores oficiais do recinto em atividade. E já hospedaram uns franceses que dão a volta ao mundo de bicicleta e, meninos de sorte, foram parar em uma casa com cerveja barata e festas cheias de saboneteiras-de-mulher.

A turma é grande e cada um já deixou a sua marca. O olhar de criança maravilhada do artilheiro monocetista Ribas ao entrar pela primeira vez; Gabriel e seus cigarrinhos de palha mantendo o tom contestador, mas com uma ternura new wave de poucos gestos, poucos arroubos e muita polivalência; Valdívia, “el gerente”, suas garrafas verdes e participações pontuadas e temperadas como só ele sabe; Allan sentado em cima do freezer com os seus lanches honestos naturais; Lipe sempre expansivo, Bruno Tévez e seus “aí sins máns” (outro dos jargões da Casa) que personifica boa parte de nós todos, pois parece querer aproveitar cada piada para rir de todas; e tantos mais, e tantos mais.

Já teve show punk, de groove, de reggae, já teve bailinho, para crianças, para sexualidade-múltipla, já teve debate, cinema, festa da cerveja barata, gafeira, e em dois meses a Mafalda já é rica em histórias pequenas, ocultas, aquelas que dão vida ao lugar. Já há aqueles que se dirigem à sede rubro-negra sem sequer saber qual o tipo de festa. E, com a ajuda de Deus (o Autônomos FC é formado por maioria atéia, registre-se), nenhum incidente mais grave, de violência ou repressão externa aconteceu.

É verdade que abrimos nossa sede para policiais em uma madrugada dessas. Na nossa porta há um insulto discreto à polícia, e a casa é clamorosamente “desalinhada” com os valores da polícia militar, cujos profissionais, constatamos de novo, não são capazes de sequer detectá-los. Mas o Comandante Ribeiro estava procurando fugitivos da lei e queria nossa janela para avistar o que não avistou. Perguntou o que era a casa. Dissemos que era um estúdio, e é mesmo. “Poxa, eu tenho uma banda, se chama H2Olhos”. Fez uma breve amizade e prometeu pensar em tocar no nosso espaço superdemocrático. E assim Comandante Ribeiro entrou em nossa lista de personagens.

Outro destes mitos chama-se Dona V. A mãe do S., garoto que curte adoidado a vida noturna paulistana. Ela vende trufas com maconha frita na frigideira. A trufonha, no caso. Diz-se uma truficante. Sua trufa é de “maracu-jah”, diz a embalagem. E tudo isso com um rosto angelical de vovó que faz bolo de fubá para o netinho. Dona V. é a inspiradora do brigadonha, o brigadeiro de maconha que Clasher, este sim um peso pesado da sabedoria-da-curtição, encabeça e prepara com categoria a cada vez que é solicitado.

Festas às sextas, sábados, também domingos e vésperas de feriados. Reuniões em datas necessárias, para estabelecer prazos e aparar arestas, endireitar as coisas que a Casa necessita. Davi é o cara que quase sempre faz as compras da semana. Um estoque imenso e um trabalho também. Renatinho e Natália são os capitães e campeões da faxina. Zé, de eletrônica à secretariado, é um centro de organização informativa – Davi cuida também da agenda de shows. O estúdio já rendeu seus

frutos: graças à facilidade dele, Mandioca, Matias, Leandro, Piva e Zé formaram a banda Defensores, uma futura opção de rock futebolístico-punk. Um chuveiro não havia e agora há. Hidráulica é um problema na casa, um banheiro é comprometido por isso. Duas máquinas de lavar, 3 fogões, vários colchões constituem o patrimônio de retaguarda dos mafaldinos, que agora tem seu próprio local para lavar os uniformes suados e sujos.

Esse texto foi criado para ser a abertura de um livro sobre o Espaço Autônomo Casa Mafalda e infelizmente não foi concluído pelo autor.



show na laje



reunião do Autônomos FC em que foi decidida a criação da Casa Mafalda, no CDM Bento Bicudo, Lapa. (11/06/2011)



debate sobre espaços autônomos durante a inauguração da Casa Mafalda. (06/08/2011)



show na inauguração da Casa Mafalda. (06/08/2011)



pintura da fachada, realizada coletivamente, sobre a pichação fascista. (abril/2014)



pichação fascista na fachada do segundo imóvel alugado. (01/04/2014)



pintura das paredes da Casa Mafalda em sua inauguração. (06/08/2011)

Contribua para a criação do mais novo espaço autônomo em São Paulo!

Comunicado:

10 de junho de 2011 marca um grande dia na história do Autônomos & Autônomas FC: em assembléia, aprovamos a idéia da aquisição da nossa sede!

Isso significa que um novo espaço autônomo independente na cidade já é realidade. Será o Espaço Autônomo Casa Mafalda!

Mas antes de falar dele, vamos nos apresentar pra quem não nos conhece.

Quem somos?

O Autônomos FC, ou Auto como é carinhosamente chamado, é um time de futebol autogerido criado em 2006 por um grupo de punks, anarquistas e ativistas de São Paulo. Desde a sua criação, o Auto sempre tentou viver o futebol de uma maneira coletiva, sem hierarquias, com decisões coletivas e com abertura para todos e todas.

Hoje, 5 anos depois, temos dois times de futebol de campo masculino, um de futsal feminino e nos arriscamos em jogos mistos em diversas modalidades também. A partir de então, passamos a nos chamar Autônomos & Autônomas FC.

Por alguns anos pensamos estar sozinhos nessa coisa de futegol autogerido. Mas em 2009 descobrimos um time inglês, o Easton Cowboys & Cowgirls, que desde 1992 está na mesma sintonia! Depois de visitarem os palestinos e os zapatistas em Chiapas, em 2009 foi a vez de estarem por aqui pra jogar e trocar experiências conosco. Então, em 2010, foi a nossa vez de jogar, na cidade de Yorkshire, Inglaterra, a Copa do Mundo Alternativa, evento organizado por times europeus com os mesmos moldes do Auto e que acontece todo ano. Um encontro até então europeu de diversas pessoas e movimentos sociais não-hierárquicos, que tivemos a chance de conhecer nos 10 dias que ficamos por lá e por Bristol, cidade natal do Easton. Lá conhecemos e estabelecemos contatos com muita gente e muita coisa que trouxemos pro nosso dia-a-dia aqui.

Aqui, participamos em São Paulo de lutas e eventos com diversos movimentos sociais e grupos culturais, como o Movimento pelo Passe Livre, a Frente de Luta por Moradia, o Bloco Carnavalesco Filhos da Santa e a Associação Nacional dos Torcedores. E em 2012, junto ao Club Social Atlético y Deportivo Che Guevara, time hermano de ideais semelhantes aos nossos da província de Córdoba, na Argentina, estaremos organizando a primeira Copa América Alternativa!

Somos, pra além de time, um coletivo. E tentamos pensar e praticar nossas relações de uma forma horizontal, libertária, diferente da imposição hierárquica e

individualista que domina o cotidiano de quase todos pelo planeta.

A idéia de ter uma sede, a Casa Mafalda, deriva da necessidade de um lugar no espaço para fortalecer essa relações. Um lugar como foram tantos outros que acabaram por terminar, como o Ay Carmela e o Espaço Impróprio.

Achamos esse lugar: é o Estúdio Fábrica Lapa, na Rua Clélia, 1745 (www.estudiofabricalapa.net), na Lapa, bem próximo ao nosso campo, o CDM Bento Bicudo.

Agora, precisamos de ajuda pra que o projeto se materialize.

Como?

Simple. Pra adquirir o ponto do local (ou seja, toda a estrutura que ele já tem e que comporta shows, festas, debates, palestras, oficinas, exposições e o que mais quisermos), nós precisamos arrecadar até o dia 01 de agosto R\$ 60 mil (pra pagá-lo à vista) ou R\$ 35 mil de entrada, com o resto sendo pago em parcelas (o que, esperamos, consigamos fazer com o próprio movimento do espaço).

No momento, temos R\$ 15 mil. Precisamos, portanto, de no mínimo mais R\$ 20 mil.

A idéia pra arrecadar essa grana é bem simples: um sistema de apadrinhamento/amadrinhamento da casa.

Funciona assim: você escolhe na lista abaixo quanto pode doar e recebe em troca uma recompensa, que pode ser horas de ensaio (caso você tenha banda), datas grátis pra eventos ou mesmo entrada livre na casa. E se você não é de São Paulo ou não costuma frequentar esse tipo de espaço mas apóia completamente a existência deles, pode contribuir e ganhar de volta uma camista da campanha do Autônomos & Autônomas FC pela sede (algo como “Casa Mafalda – eu também construí!”) e outros materiais do time.

A sua doação pode ser feita de duas formas: com um depósito na conta poupança que disponibilizaremos para isso, cujo extrato estará toda sexta-feira em nosso site para conferência de todos os padrinhos e madrinhas, ou com uma doação pelo site www.vakinha.com.br, caso você se sinta mais seguro/a fazendo assim.

Segue, então, a nossa lista de doações. E claro que se você quiser doar sem precisar de nada em troca, apenas pelo amor à camisa, ficaremos extremamente contentes!

Todos os padrinhos e madrinhas terão seus nomes em uma das paredes da casa!

R\$ 10 – entrada livre em 2 shows ou eventos

R\$ 20 – entrada livre em 5 shows ou eventos OU 2 horas de ensaio

R\$ 50 – entrada livre em até 20 shows ou eventos e/ou 1 a 6h de ensaio

R\$ 100 – entrada livre em até 50 shows ou eventos e/ou 1h a 12h horas de ensaio

R\$ 250 – uma data grátis para show/evento/festa OU 30h horas de ensaio, limitadas em 10h por mês

R\$ 500 – vale de R\$ 500 para entrada em festas/shows/eventos OU 100 horas de ensaio, limitadas em 10h por mês OU três datas grátis para show/evento/festa, limitadas a 1 por mês

Acima de R\$ 1000 – passe livre vitalício em festas/shows/eventos E passe livre vitalício no estúdio de música, limitadas em 10h mensais, OU datas grátis para festas/shows/eventos, limitadas a 4 por ano

Conta poupança para fazer a doação (não se esqueça de depois mandar um email para autonomosfc@gmail.com com seu nome, o valor e a data do depósito):

(...)

<http://www.vakinha.com.br/VaquinhaP.aspx?e=40184>

Como eu sei que isso vai dar certo?

Bom, o Estúdio Fábrica Lapa já existe e já dá certo há 3 anos. O que nós pretendemos é agregar novas atividades ao espaço, transformar ele de estúdio em centro cultural. Mas sem deixar de abrir as portas pra quem já faz coisas por lá, pelo contrário: a idéia é não deixar o espaço morrer e trazer mais gente pra dentro dele.

Se eu doar, quando eu posso ter minha recompensa?

O espaço só será nosso a partir de agosto. Portanto, a partir de agosto poderemos retribuir nossos padrinhos e madrinhas. Mas claro que desde já podemos ir agendando as coisas, com calma.

E se não arrecadar os R\$ 35 mil necessários?

Acreditamos que vamos conseguir. Se não conseguirmos, teremos duas opções: pegar um empréstimo bancário ou desistir e devolver a grana a todos que doaram. A primeira é bem mais provável que a segunda, mas estamos confiantes que com a ajuda de todos poderemos dispensar as duas.

Dá pra conhecer o espaço antes de doar?

Sim, dá. Sempre rolam eventos por lá, é só ficar esperto no estudiofabricalapa.net. Dia 23/06 agora, por exemplo, nós do Auto estaremos fazendo um

show:<http://img.photobucket.com/albums/v415/mandioca/autonomos/flyerlogo.jpg>
ou <http://www.autonomosfc.com.br/blog/2306-venha-conhecer-a-casa-mafalda>

Porque Casa Mafalda?

Quando o Auto deixou o futebol society (ou futebol sete para alguns) para jogar na tradicional várzea paulistana, nosso primeiro campo foi na zona leste da cidade, próximo a um bairro chamado Chácara Mafalda.

Como nossa torcida na época era majoritariamente composta pelas namoradas e amigas dos jogadores e torcedores, em homenagem à elas e ao bairro escolhemos como mascote a personagem Mafalda, do cartunista argentino Quino, uma menina que questiona de forma bem humorada os pais e a todos sobre os problemas sociais, políticos e morais da humanidade.

Com o surgimento do nosso time feminino, a idéia ficou ainda mais forte, e nada mais justo do que nomear nossa casa, palavra no feminino, com o nome de nossa mascote.

Mais sobre o Autônomos & Autônomas FC

Se você quiser saber mais sobre o Auto, jogar com a gente, fazer parte da torcida, conhecer o espaço da futura Casa Mafalda ou mesmo trocar qualquer idéia, entre em contato:

www.autonomosfc.com.br

autonomosfc@gmail.com

Aqui há uma pequena reportagem feita pelo Carlos Carlos, do programa Bola & Arte (<http://bolaearte.wordpress.com>), para a TVT: <http://digi.to/LI2AR>

Entre em contato. Estamos sempre abertos a novas propostas. De repente você quer começar um time de basquete do Auto...

Contamos com a sua ajuda para que no dia 06 de agosto possamos fazer a grande inauguração do Espaço Autônomo Casa Mafalda!

Vamo Auto!

Memorial...



06 E 07 DE AGOSTO
FESTA DE INAUGURAÇÃO DA CASA MAFALDA!
Vocês ajudaram e a gente conseguiu!



Nos dois dias:

- Mostra de vídeos sobre futebol e sociedade
- Muralismo com o coletivo Arte Libertária
- Grafite na fachada da casa com Popó e Alan Alvíco
- Jantar freegan oferecido pelo coletivo Até o Talo!
- Arrecadação de roupas e alimentos para a Frente de Luta por Moradia - TRAGA SUA CONTRIBUIÇÃO!

R\$ 6 POR DIA
OU
R\$ 10 PELOS DOIS DIAS
+ um livro para a nossa biblioteca

A partir das 15h

E mais:

Sábado - 06 de agosto:

16h : Debate: "O que queremos com a Casa Mafalda?", com Autônomos FC, Movimento Passe Livre-SP, Biblioteca Terra Livre, Ativismo ABC, Centro de Mídia Independente-SP, Centro de Cultura e Ativismo Caipira (Serrana) e quem mais quiser participar.

19h Show com as bandas **ORDINARIA HIT** | **NOALA** | **ÍBIS (Serrana)** | **AVE MARIAS**

Domingo - 07 de agosto

10h : I Taça Casa Mafalda de Futebol Autônomo - na quadra do EE Thomaz Galhardo (Rua Mário, altura do nº 400)

16h : Debate: "Copa pra quem?", com Autônomos FC, Frente de Luta por Moradia, Associação Nacional dos Torcedores-SP, Comitê Popular da Copa-SP e Movimento Passe Livre-SP

19h Show com as bandas **COLÉGIO INTERNO** | **DANIEL BELLEZA&OS CORAÇÕES EM FÚRIA** | **METRÔ SERTÃO** | **DERIVA, DESVIO OU DETURPAÇÃO**

Rua Clélia, 1745, Lapa
 A três quadras do Terminal Lapa e da Estação Lapa da CPTM
www.autonomosfc.com.br/casamafalda
emaildacasamafalda@gmail.com



autônomos fc, mopat e casa mafalda convidam para a festa

SACUDINDO O ESQUELETO

rua clélia, 1745 | lapa

próximo ao terminal lapa e à estação de trem lapa da cptm
 > a partir das 23h

banda
COLÉGIO INTERNO
SOUL
FUNK
SKA **ROCK**
RAP
 E MUITO MAIS...

entrada_r\$7
 cerveja lata_r\$3
 Caipirinha_r\$4
 refrigerante_r\$3
 água_r\$1,50

+ projeção de filmes sobre a questão palestina

MOPAT: PALESTINALIVRE.ORG

ESPAÇO AUTÔNOMO
Casa Mafalda



AUTONOMOSFC.COM.BR/CASAMAFALDA

07/08
16H **AULA-TEATRO:**
EMMA GOLDMAN,
UMA VIDA
LIBERTÁRIA
 ESCRITA E APRESENTADA POR CIBELE TROYANO

LOCAL: CASA MAFALDA, RUA CLELIA, 1895

BATE PAPO
SOBRE A
FÁBRICA OCUPADA
FLASKÔ

EXIBIÇÃO DO CURTA FLASKÔ: A FÁBRICA

OFICINA DE PRODUÇÃO DE ZINES

CASA MAFALDA RUA CLELIA 1895 LAPA-SP

HORAS MOPAT

DOMINGO 31 JAN 2016

BATA

Exposição:

TATUAGEM & CARCERE

A Conotação da Tatuagem no Sistema Carcerário

Roda de conversa com os tatuadores
Lígia Faceto - Nettoo Tribes - Ratão

Tatuando no evento:
NETTOO TRIBES
Venha com o desenho definitivo,
para termos caquinhas de cartão

Venda de Camisetas
da exposição e outras

Abertura
02/08 às 16:00
Bandas Presenças
CONDUTA CRIMINAL
SUSPEITOS DA NORTE
CHAVES

Encerramento
31/08 às 16:00
Bandas Presenças
RAVENSBRUCH!
MOTIM
K08 82

Casa Mafalda: Rua Clélia, 1895 - Lapa




sexta agora!
dia 02 de dezembro.
a partir das 20h
entrada: \$5,00

**ORDINARIA HIT e seus amiguinhos do
DERIVA DESVIO OU DETURPAÇÃO**

debate sobre Futebol e Movimento Anarquista no início do século XX
com Rodrigo (Biblioteca Terra Livre), Danilo Mandioca (Autônomos FC)
Mix (Ativismo ABC) e Rodrigo Lima (Dead Fish)

CASA MAFALDA - Clélia, 175 - LAPA



Nossos Livros de História foram Discos
24 de outubro - 22h - R\$ 3
Casa Mafalda - Rua Clélia, 1895
(Se puder, contribua com a arrecadação pra pintura da casa)

Noite de Caldes

EM APOIO À CASA MAFALDA!

04 de Junho - à partir das 17h - \$8 e 15 (rodízio) - exibição do filme *Noviembre*.
CASA da LAGARTIXA PRETA "MALAGUEÑA SALEROSA" - R. Alcides de Queirós, 161 - Sto. André (SP) - 15 min. a pé da Estação de trem Sto. André

3x3 F FESTINHA FEMINISTA DO FIM DO ANO

Merina ^{punk} ^{@ feminista} ^{* 4P} + discoteque
Randômica da
Manília ♥

Faku!
rap anarcopeminista,
Praga, República Tcheca

CASA
MAFALDA
R. CLÉLIA, 1745
LAPA

ROCK NA CASA

SHOW COM AS BANDAS:

DETROIT
MYSFACE.COM/DETROITROCKBAND

STEREOMOB
MYSFACE.COM/STEREOMOBMUSIC

+ ROCK AND ROLL
MADRUGADA A DENTRO

\$5

16/09 - 20H
LOCAL: CASA MAFALDA
RUA CLÉLIA, 1745 - LAPA
PROX. AO TERMINAL LAPA



Torcedores e Torcedoras!
a ANT/SP, em parceria com a Casa Mafalda,
convida para seu I Seminário:

O FUTEBOL PÓS RICARDO TEIXEIRA

Qual será o real legado da Copa de 2014?

Participantes:

- Mauro Cezar Pereira
Jornalista Esportivo - ESPN Brasil
- Autônomos F.C.
- Luis
Tribunal Popular
- Dito
CMP; Comitê Popular de São Paulo
- Marcos Alvito
Fundador da ANT e membro do núcleo RJ

Chega de remoções
de famílias pra
construir estádios!

O futebol é do povo!
chega de ingresso a
preços abusivos!

Local: Casa Mafalda
Rua Clélia, 1745, Lapa. A três quadras
do terminal Lapa de ônibus e da
estação Lapa da linha 8 da CPTM
Data: 24 de setembro
Horário: 15 horas

PARA ALÉM DE RICARDO TEXEIRA!

A ANT/SP PARTICIPARÁ DE MARCHA RICARDO TEXEIRA,
MÁS SEM SE ESQUECER QUE O PROBLEMA DO FUTEBOL BRASILEIRO SÃO MUITOS:

- a exclusão do povo brasileiro dos estádios;
- o fim das áreas populares nos estádios;
- a falta de transparência no futebol brasileiro;
- a exploração política do futebol brasileiro;
- os péssimos horários dos jogos;
- a falta de transporte público de qualidade nos dias de jogos; e
- a retirada de comunidades de trabalhadores em nome da Copa do Mundo.

DATA: 02 DE OUTUBRO
Concentração às 10h30 na Praça do Cidreira (de Paulista com Rua da Consolação)
e caminha até o VÃO LIVRE DO MASP às 11h00

CATACUMBIA

A FARRA LATINA

HALLOWEEN DANÇANTE

lambadas * bregas * cumbias
merengues * axés * calipso
fantasias * y algo mais

Venha rebelar ao som de:

Banda Periculina
Falsos Conejos
DJs GAVIN
RHATTO e RAGA

R\$ 10

Sábado 29.10

Casa MAFALDA:

Rua Clélia, 1745, Lapa – São Paulo / SP - Não aceita cartão!





publicação em processo

Essa publicação é uma reflexão constante.
Se você tiver alguma contribuição que queira
compartilhar e que caiba em impressões
posteriores, envie para casamaflada@riseup.net

organização

zé almeida - marília carvalho - mayra oi -
luara carvalho - danilo mandioca